

Kate
Stayman-
London

**DE
OLHO
NELA**

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

**PA
RA
S
E
LA**

*Mas o amor é cego, e os amantes não conseguem ver
As grandes tolices que cometem.*

William Shakespeare

Todos nós já levamos um pé na bunda. Todos nós já nos apaixonamos pelo cara errado ou pela garota errada. Todos nós cometemos erros. Mas todos queremos uma coisa especial no fim.

Chris Harrison

Prólogo

Paris, França

DEZ ANOS ATRÁS

O mercado de pulgas de Clignancourt ficava no extremo norte da cidade, a alguns quarteirões da última estação da linha 4 do metrô, onde a arquitetura parisiense se tornava mais simples, mais mundana — um lembrete de que nem toda a cidade remetia a séculos de tradição e romance. Parte dela eram apenas lugares onde moravam pessoas que iam para o trabalho e levavam as crianças à escola e compravam seus pães no supermercado, e não em *boulangeries* charmosas.

Bea chegou ao mercado de pulgas à procura de presentes para a família — talvez alguma coisa feita de renda para sua mãe, ou discos antigos para seu irmão Duncan —, mas também alimentava a esperança de encontrar algumas gravuras para ela, ou, melhor ainda, alguns livros infantis com ilustrações finalizadas à mão para ler junto com o padrasto para seu sobrinho recém-nascido. Suas amigas do intercâmbio viviam se gabando das coisas que encontravam nesses mercados, e Bea achava que o passeio valia a pena, embora soubesse que

não havia a mínima possibilidade de comprar roupas chiques e vintage que servissem nela. Se já era difícil para Bea fazer compras até nos Estados Unidos, pior ainda em Paris, onde era quase inimaginável ver uma mulher que não pudesse ser descrita como esguia.

Depois de anos de prática, Bea considerava ter dominado a arte de ser invisível apesar de seu tipo físico: roupas escuras e largas, modos discretos, olhos voltados sempre para baixo. Quando chegou para estudar na UCLA e se viu cercada por californianos magros e malhados, pensou que fosse se destacar como uma espinha gigante em uma pele perfeita; porém, graças à cultura narcisista de L.A., passar despercebida foi mais fácil do que Bea esperava.

Em Paris, no entanto, ela se sentia perseguida por olhares aonde quer que fosse. A cidade era tão linda, o lugar favorito de Bea no mundo, mas era impossível evitar a sensação de que todos os parisienses a estavam observando, julgando, desejando silenciosamente que ela não estivesse lá. Garçons e vendedores em cafés e livrarias lotadas, corredores estreitos apinhados de mesas e louças e talheres, Bea andando meio de lado para não derrubar o prato de *pain au chocolat* de ninguém, salivando ao som dos folhados crocantes e amanteigados com que parisienses de aspecto jovial se deleitavam sem culpa todas as manhãs. Sempre que Bea entrava em uma *pâtisserie* para comprar alguma coisa, havia um olhar de canto de olho, ou uma

encarada mesmo, uma acusação de quem parecia dizer: “É por culpa sua que você é assim”.

Tudo ficava mais fácil quando ela se afastava do centro da cidade e andava pelos bairros de população mais diversificada ao longo do canal, onde as ruas eram mais largas e o ritmo, mais lento, e onde grupos de estudantes bebiam vinho nas estruturas de concreto à beira d’água. Em Clignancourt, a sensação era parecida, Bea pensou enquanto caminhava pelos poucos quarteirões que separavam o metrô do mercado de pulgas, com as pessoas ao redor andando às pressas, ocupadas demais com a própria vida para olhar feio para ela.

Do lado de fora, Bea não tinha como saber como era o mercado de pulgas — por um quarteirão inteiro, só conseguia ver a parte de trás das barracas, encobertas por tapumes e madeirite, e começou a duvidar que aquele lugar pudesse ser tão maravilhoso quanto suas amigas haviam garantido. Mas, quando chegou à entrada, Bea entendeu tudo: a experiência era como a de Alice ao atravessar o espelho e se ver em um ambiente totalmente novo, onde tudo era maravilhoso e estranho.

O mercado era um labirinto, com caminhos que enveredavam por diagonais aleatórias — para onde quer que fosse, Bea nunca parecia passar pelas mesmas barracas duas vezes, e cada corredor trazia incontáveis cestos cheios de maçanetas de latão e paredes repletas de antigas pinturas a óleo e carretéis de fitas de cetim. As barracas em si não pareciam nem um pouco improvisadas —

algumas eram decoradas com trepadeiras ou fileiras de luzinhas, outras tinham paredes com revestimento de gesso e prateleiras lotadas de livros com capa de couro tão empoeirados que Bea concluiu que deveriam estar ali havia décadas. Passeando por entre as barracas do mercado, Bea experimentou uma sensação de pertencimento que jamais sentira em nenhum outro lugar de Paris. Ou talvez, ela pensou, tudo fosse tão incrível e bizarro lá dentro que não havia nada nem ninguém que pudesse parecer deslocado em um lugar como aquele.

Antes que Bea se desse conta de quanto tempo havia se passado, o sol já se punha, então ela rumou para a porta do mercado enquanto os vendedores começavam a guardar suas coisas. Bea não havia parado em nenhum lugar que vendesse roupas, mas, perto da saída, uma barraca chamou sua atenção: as únicas mercadorias expostas eram capas — araras e mais araras de brocados pesados e peles macias e sedas bordadas.

Bea lançou um olhar de desejo para a barraca, mas era inútil. Ela tinha certeza de que ali não havia uma grande o bastante para cobrir todo o seu corpo e que, em vez de envolvê-la em luxo, a capa ficaria apenas pendurada em suas costas, como uma criança brincando de se fantasiar com uma toalha de praia amarrada no pescoço. Mas a vendedora, uma francesa magérrima e andrógina de uns sessenta e poucos anos com enormes óculos pretos, percebeu que Bea estava olhando e deu um passo em sua direção.

“*Vous désirez?*”, ela perguntou, levantando de leve as sobrancelhas; sua voz era grave e rouca.

“*Non*”, Bea respondeu com seu sotaque carregado, desculpando-se. “*Merci.*”

“Ah, americana.” A mulher começou a falar inglês imediatamente, como os parisienses sempre faziam. “Qual é o seu nome?”

“Beatrice”, ela respondeu, pronunciando seu nome à moda francesa — *Beatrriz*. “Mas todo mundo me chama de Bea.”

“*Enchantée*, Bea. Eu sou a Jeanne.” A vendedora pegou sua mão e apertou com força, e Bea imediatamente simpaticizou com aquela senhora, que cheirava a vinho com especiarias. “Me diga uma coisa, Bea: qual é a mulher cujo estilo você mais admira?”

A mente de Bea se voltou de imediato para os filmes em preto e branco aos quais passava horas assistindo quando criança na sala de TV de casa, que contava apenas com os canais a cabo do pacote mais básico. Ela tivera algumas aulas de cinema na UCLA, e ficou encantada ao descobrir que em Paris ainda havia dezenas de salas de projeção com pequenos ingressos em papel e poltronas de veludo vermelho que exibiam filmes americanos clássicos (com legendas em francês, é claro) todas as noites da semana. Bea frequentava esses cinemas sempre que tinha algum tempo livre, deliciando-se com as aventuras daquelas atrizes tão elegantes e com suas tiradas ligeiras. Enquanto pensava no que responder a Jeanne, levou em conta

diferentes estrelas que admirava: ela jamais poderia ser perfeitinha e delicada como Audrey Hepburn, nem majestosa e imponente como Katharine. Em suas fantasias mais ousadas, ela se imaginava mais como a *femme fatale* de um filme — ao mesmo tempo meiga e durona, perigosa e extremamente vulnerável. Na opinião de Bea, havia uma atriz cujo estilo personificava esse ideal mais do que qualquer outra, capaz de combinar sem esforço trajes sensuais de renda e seda com óculos escuros de formato anguloso e blazers que acentuavam a largura dos ombros.

“Pode parecer bobagem”, disse Bea, baixando a cabeça, “mas acho que eu diria Barbara Stanwyck...”

Jeanne abriu um sorriso de quem tinha entendido tudo, enrugando todo o seu rosto simpático. “*D'accord... un moment.*”

Ela desapareceu entre as araras, e, depois de alguns momentos marcados pelo farfalhar de tecidos e por cabides sendo arrastados de um lado para o outro, ressurgiu com uma capa que ia até o chão, feita de veludo macio verde-escuro. Tinha capuz e forro de seda, e o fecho do pescoço era um broche de prata em formato de lírio-do-vale, com pequenas pérolas no lugar das flores.

“Oh”, Bea suspirou quando Jeanne colocou a capa sobre seus ombros e o tecido foi caindo lentamente.

Jeanne a levou até um espelho bem comprido, já um tanto opaco pela idade, e Bea sentiu uma palpitação dentro do peito: era como se estivesse diante de uma

desconhecida glamorosa. Bea nunca teve um vestido de debutante, nem foi ao baile de formatura do colégio, e convenceu seus pais a permitirem que usasse jeans na colação de grau (com o argumento de que, de qualquer forma, ficaria coberta pelo capelo e pela beca, que mais parecia uma tenda cor de vinho) e só depois de muita relutância se enfiou numa série de vestidos horrendos para ser madrinha de casamento dos irmãos. Em toda a sua vida, nenhuma peça de roupa que Bea tinha usado jamais a fizera se sentir daquele jeito.

“Quanto custa?”, ela se viu perguntando, com um tom de voz baixo e tímido.

“Duzentos”, disse Jeanne, mas ela se interrompeu quando viu o pânico surgir no rosto da cliente.

“Quanto você pode gastar?”, perguntou, gentil.

Bea abriu a carteira — tinha quarenta euros e mais alguns trocados, e aquele dinheiro precisaria durar até a semana seguinte. Já tinha gastado mais do que deveria no mercado de pulgas, e o cartão de crédito de seus pais era apenas para emergências. Duzentos euros era um preço impensável.

“Desculpa”, murmurou Bea, preparando-se para tirar a capa, mas Jeanne pôs a mão em seu ombro.

“Talvez a gente possa fazer um trato”, ela disse.

Bea não entendeu direito o que aquilo significava. “Um trato?”

“Eu vou lhe dar a capa de presente, e em troca você vai usá-la por toda Paris e vai dizer para todo mundo que

encontrar sobre a minha loja. Certo?”

“Quê? Não, eu não posso aceitar...”

“*Bien sûr*, claro que pode.” Com gestos habilidosos, Jeanne removeu a capa dos ombros de Bea e tirou a etiqueta escrita à mão. “Quer uma sacola ou vai embora usando?”

Bea ficou vermelha e baixou os olhos.

“Não entendo por que você está fazendo isso”, murmurou.

Jeanne pousou a capa sobre os ombros de Bea em um gesto carinhoso.

“Pelo jeito como você se veste e está sempre de cabeça baixa, acho que está se escondendo”, ela falou baixinho. “Mas com essa capa.”

Bea ergueu os olhos para encará-la. “Com essa capa o quê?”

Jeanne curvou levemente os cantos dos lábios em um sorriso discretíssimo.

“Você será alguém que todo mundo precisa ver.”

O acordo

Los Angeles, Califórnia

**PRA FICAR DE OLHO: A BLOGUEIRA DE MODA BEA
SCHUMACHER**

por Toni Santo, TheCut.com

A internet pegou fogo esta semana quando a pop star Trish Kelly foi ao Twitter reclamar que vários estilistas se recusaram a vesti-la para o Grammy — só porque ela usa tamanho 42! Bea Schumacher está mais do que familiarizada com o problema: com mais de 500 mil seguidores no Instagram e um blog (OMBea.com, um trocadilho com OMG) com milhões de visitantes por mês, Bea é uma das blogueiras de moda mais populares da atualidade — mas, por ser plus-size, quase ninguém no mundo da alta-costura produz roupas que servem nela.

Na edição desta semana de “Pra Ficar de Olho”, conversamos com Schumacher sobre sua bem-sucedida carreira, sua invejável agenda de viagens e as melhores dicas para arrasar no tapete vermelho, seja qual for o seu tamanho:

TS: Como você virou blogueira de moda? Sempre foi apaixonada por moda?

Bea: *(risos)* Nossa, não. Quando eu estava no colégio, usava só calça jeans preta larga, camiseta e blusa de moletom. Não queria chamar atenção. Não queria que ninguém olhasse pra mim.

TS: E quando foi que isso mudou?

Bea: No terceiro ano da faculdade. Fiz um intercâmbio de um semestre em Paris, e foi lá que fiquei viciada em moda. Estava totalmente sem grana na época e passei seis meses revirando brechós em busca de tesouros escondidos. Descobri tantas coisas legais que as minhas amigas me incentivaram a fazer um blog, uma espécie de diário de viagem sobre moda. Minha melhor amiga nesse intercâmbio estudava fotografia, e tirou fotos minhas com vestidos esvoaçantes e chapéus, bebendo vinho às margens do Sena. Como eu não sabia absolutamente nada de webdesign, fiz um blog com um template padrão no Tumblr — essa foi a primeira versão do OMBea. No início, eu só postava fotos, mas depois comecei a escrever mais sobre a minha vida e os desafios de encontrar roupas legais sendo uma mulher plus-size; e isso acabou virando uma forma de expressão muito importante pra mim, principalmente depois que voltei para Los Angeles, onde os padrões de beleza são tão rígidos.

TS: O blog fez sucesso logo de cara?

Bea: Até parece! No começo, era só para as pessoas que eu conhecia mesmo. Depois da faculdade, fui trabalhar numa agência de talentos em Hollywood; pensei que talvez no futuro eu pudesse virar figurinista de filmes e programas de TV, e essa parecia uma boa forma de entrar no ramo. Eu era só uma assistente, e uma das clientes da minha chefe era uma atriz famosíssima que sempre adorava as minhas roupas. Um dia conversamos sobre o meu blog e ela tuitou a respeito — foi aí que a coisa estourou. Ganhei milhares de novos seguidores, comecei a ser incluída nas recomendações das revistas sobre quem seguir, essas coisas. Quando meu número de leitores começou a subir, consegui montar uma estrutura para atrair patrocinadores e anunciantes.

TS: Tudo isso enquanto tinha um emprego de tempo integral?

Bea: Pois é, foi uma loucura. Mas, depois de um ano de muito trabalho, todo o esforço começou a valer a pena: eu consegui largar o emprego de assistente e passei a viver só do blog, e nunca me arrependi disso. Tem sido bem mais divertido do que eu jamais poderia imaginar.

TS: Conta mais! Como é um dia típico da rotina de Bea Schumacher?

Bea: Cada dia é uma novidade, e é disso que eu mais gosto no meu trabalho. Posso ter uma reunião com uma marca plus-size para negociar uma possível parceria, ou participar de um evento de moda em Londres ou Nova York, ou fazer uma sessão de fotos no quintal de casa e mostrar aos leitores o que estou planejando em termos de looks para o verão.

TS: Mas você não se limita a escrever sobre roupas — você também conta a experiência de ser uma pessoa plus-size que é apaixonada por moda.

Bea: Acho que eu seria desonesta se não tocasse nesse assunto. Faz pouco tempo que vários fabricantes começaram a fazer roupas que servem em mim; em especial no que diz respeito a estilistas de alta-costura, várias marcas dizem que têm opções “plus-size”, mas só vão até o tamanho 50! Isso é ridículo, porque o tamanho 50 na prática é o *padrão* para a maioria das americanas. Dentro da comunidade plus-size, eu me identifico como “medianamente gorda”, então sou uma privilegiada em termos de opções de roupas. É muito mais difícil para mulheres que usam alguns tamanhos acima do meu, o que é revoltante, sem falar que não faz o menor sentido, comercialmente falando. Sinto vontade de sacudir os estilistas pelos ombros e dizer: “Ei, vocês odeiam tanto as gordas que estão dispostos a não atender dois

terços da sua possível clientela? Vocês acham mesmo que nossos corpos não são dignos de vestir suas roupas?”. Mas a verdade nua e crua é que, pra muita gente no mundo da moda, realmente seria melhor se a gente não fizesse parte dele. E acho que muitas mulheres plus-size se sentem assim no dia a dia. Para nós, uma coisa simples como postar uma selfie com o look do dia é um ato político, e ainda precisamos lidar com todas as pessoas que se julgam no direito de fazer comentários sobre o nosso corpo, dizer que somos feias, que não somos saudáveis ou que somos uma aberração.

TS: As pessoas dizem mesmo esse tipo de coisa para você?

Bea: Nos comentários do meu blog, do meu Insta e no Twitter? O tempo todo! Muita gente tem um ódio visceral de mulheres que se manifestam publicamente, em especial aquelas que têm a audácia de não se ajustar aos padrões convencionais de beleza, e nas redes sociais essas pessoas podem direcionar essa hostilidade a nós de uma forma bastante direta. Bem que eu queria dizer que isso não me atinge, mas às vezes me abala, sim. Fico magoada quando desconhecidos saem repetindo as piores coisas que eu já pensei sobre mim mesma. Mas eu amo tanto a moda justamente porque ela tem o poder de fazer com que eu me sinta mais forte e mais bonita. E o mesmo vale para o meu círculo mais

próximo de amizades e para a minha incrível comunidade de leitores.

TS: E o coração? Existe alguém especial que faça você se sentir especialmente bonita?

Bea: No momento, não! Minha agenda é um caos, não tenho tido tempo nem energia para me dedicar a um relacionamento. Mas quem sabe? Talvez isso aconteça em breve.

TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 9 DE JUNHO: BEA SCHUMACHER E RAY MORETTI

Ray [9h48]: Adivinha só o que eu tenho aqui...

Bea [9h53]: Uma espaçonave. Dez rubis. Ai meu deus, é um pônei????

Ray [9h54]: Não, é melhor que tudo isso

Ray [9h55]: Eu tenho aqui, bem na minha mão... uma passagem pra Los Angeles.

Bea [9h56]: 😊 😊 😊

Bea [9h56]: Sério mesmo? Não vejo você há tanto tempo que nem lembro mais da sua cara

Ray [9h57]: Eita (você tem razão, eu mereci)

Ray [9h57]: Mas é sério sim! Chego no feriado de Quatro de Julho à tarde e aí durmo na sua casa (posso?) antes de ir pra San Diego no dia seguinte pra festa de aniversário de casamento dos pais da Sarah. Tudo bem assim?

Bea [9h58]: Claro! Quer que eu converse com o pessoal da agência pra saber quem vai estar por aqui?

Ray [9h59]: Você que sabe, mas prefiro passar o tempo com você em vez de dividir sua atenção com um monte de gente

Ray [10h00]: Eu sei que precisei mudar pra Atlanta pra “apoiar a carreira da minha noiva” e tal, mas detesto estar assim tão longe de você, Bea.

Ray [10h00]: Tô com muita saudade de você.

Bea [10h04]: Eu também.

* * *

Bea fazia questão de frisar que não estava ansiosa para ver Ray, mas o modo como respirava fundo (inspirando por entre os dentes e expirando como se estivesse apagando velas de aniversário) enquanto estava presa no trânsito das dez da manhã dizia outra coisa. Ela se esforçava para convencer a si mesma de que não era mais aquela garota que passou tantos anos obcecada por ele, a assistente tímida de uma agência de talentos de

Hollywood apaixonada pelo homem mais gato do setor de correspondências.

Que coisa mais clichê, Bea pensou enquanto saía da via expressa e enveredava pelas ruas sinuosas da endinheirada Westwood, onde belas casas no estilo Tudor que pareciam ter sido copiadas de um conto dos irmãos Grimm ocupavam a paisagem a cada quarteirão. Ela preferia se manter em seu bairro na zona leste de Los Angeles, onde a diversidade era bem maior, mas sua loja de vinhos favorita ficava ali, a quase meia hora de sua casa, contando o trânsito. Para sua única noite com Ray (por mais que ela tentasse fingir que não era nada de mais), seria preciso caprichar.

A Les Caves era difícil de encontrar, com seu letreiro discreto e sua porta rústica de madeira, e bem fácil de ignorar se a pessoa olhasse de relance lá para dentro e visse apenas umas mesas esparsas cobertas por um monte de garrafas sem a menor organização. Mas Bea amava aquele lugar — amava conversar com os vendedores em seu francês meia-boca e se deliciar com os vinhos cheios de personalidade que eles separavam para ela, Meuniers secos que ardiavam na boca e Savennières marcantemente adocicados.

“Bea, *bon matin!*”

Paul, proprietário da loja junto com a esposa, era baixinho, atarracado e cheio de entusiasmo. Bea costumava brincar que ele a havia transformado em uma insuportável esnobe do mundo dos vinhos, mas Paul

sempre caía na gargalhada e dizia que ela devia ter orgulho de ser uma *connoisseur*.

“*Bonjour, Paul*”, respondeu Bea com um sorriso.

“*Et qu’est-ce que tu désires aujourd’hui?*”, ele perguntou. “Talvez algo leve, frutado e mineral? Está tão quente!”

“*C’est vrai*”, Bea concordou. L.A. estava enfrentando sua tradicional onda de calor anual de julho, aqueles poucos dias do ano em que nem mesmo à noite a temperatura ficava abaixo dos trinta graus, tornando a cidade inteira inabitável. O tempo estava assim também na noite em que Ray a beijou. Aquela noite perfeita e terrível cinco anos antes, em que ele cambaleava pela calçada diante do Chateau Marmont, com hálito de uísque e cigarro e lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto contava para Bea que sua mãe estava doente de novo, e que dessa vez podia ser fatal. Ele pôs os braços ao redor do pescoço de Bea e murmurou: “Não vou conseguir passar por isso sem você”. Ela respondeu: “Você não precisa”, sem entender se ele estava falando de amizade ou de outra coisa.

Depois das incontáveis noites em que haviam saído para beber juntos, trocando segredos e comentários sussurrados, com ela morrendo de vontade de engajar em contato físico e segurando a náusea quando o via flertar, beijar e, não importa o bar em que estivessem, levar para casa mais uma lindíssima aspirante a atriz/modelo/cantora, finalmente — *finalmente* — Ray estava olhando só para Bea.

Fazia muito calor, a umidade tomava conta de tudo e ela sabia que seria um erro quando Ray se inclinou para beijá-la: ele estava triste demais, bêbado demais, distraído demais. Mas no fim Bea nem se importou, porque desejava aquilo fazia muito tempo e sentia que, de alguma forma, havia conseguido pôr sua vida nos trilhos, e isso na base da pura força de vontade.

Depois do beijo, ela pensou que ele fosse dizer alguma coisa profunda (ou sincera, pelo menos), mas Ray se limitou a resmungar que precisava chamar um carro porque ia pegar um avião logo cedo no dia seguinte.

“Ah”, foi tudo o que Bea conseguiu falar. “Sim. Claro.”

Ele foi para a casa dos pais em Minnesota na manhã seguinte. Planejava ficar só alguns dias por lá, ou algumas semanas, no máximo, só que nunca mais voltou, a não ser para juntar suas coisas e seguir de vez para o leste. Ele passou meses em casa com a família, fazendo companhia para a mãe até o último suspiro dela; depois se mudou para a Virgínia, onde se formou em direito; em seguida conseguiu um emprego em um escritório bacana em Nova York, onde conheceu a namorada, Sarah; ele a acompanhou na mudança para Atlanta, onde ela ganhou uma desejadíssima promoção; e foi lá que os dois ficaram noivos.

E, por algum motivo, Bea ainda não conseguia acreditar em nada daquilo, como se os oito últimos anos de sua vida tivessem transcorrido sob uma espécie de paralisia. Três anos convivendo com Ray, sonhando com Ray,

desejando Ray, acreditando de todo o coração que ele queria a mesma coisa. Uma noite de inebriante e dolorosa validação. E depois cinco anos se perguntando se alguma coisa daquilo tudo havia sido real.

Ela saiu com outros homens nesse meio-tempo, claro, mas nunca rolou o mesmo encantamento. Nenhum tinha aquela beleza de astro de cinema, nem era tão divertido sem qualquer esforço, nem tão absurdamente cativante. De todos os que conheceu em aplicativos de encontros ou que foram apresentados por amigos, ninguém tinha aqueles cabelos escuros e grossos e aquele olhar ardente de Marlon Brando; ninguém conseguia deixá-la de pernas bambas só de passar um dedo pelo seu braço.

E, de qualquer forma, Bea estava mais concentrada em outros aspectos de sua vida — carreira, amizades, viagens, família — e não tinha pressa de encontrar outro amor tão arrebatador e contagiante quanto o que sentiu por Ray. Ela estava certa de que isso aconteceria algum dia. E enquanto isso... bem, enquanto isso... era tão ruim assim viver de lembranças? De fantasias?

Mas aquela noite não seria de lembranças nem de fantasias: Ray estava em um avião, provavelmente sobrevoando o Meio-Oeste americano a caminho de Los Angeles, onde dormiria no quarto de hóspedes de Bea antes de pegar um trem rumo a San Diego na manhã seguinte para um fim de semana de comemoração do aniversário de casamento dos pais de sua noiva. Bea e Ray não se viam fazia mais de um ano, desde um encontro

apressado em um bar lotado (com ninguém menos que Sarah a tiracolo) durante uma das caóticas viagens de Bea para a New York Fashion Week. O lugar era barulhento, Bea estava exausta, e Ray, mal-humorado. Mas daquela vez seria diferente — só os dois, sem confusão nem barulheira. Uma chance de reavivar a intimidade de que ela precisava tão desesperadamente.

“Não.” Bea sacudiu a cabeça quando Paul apareceu com uma das garrafas de sempre, um vinho branco seco de vinte dólares. “Pra hoje, eu preciso de alguma coisa especial.”

Três horas depois, Bea caminhava de um lado para o outro sobre o piso de tábuas desniveladas de sua casa em estilo bangalô em Elysian Heights, um pequeno imóvel alugado em não muito bom estado, empoleirado de forma precária em uma encosta com vista para o Elysian Park. As paredes eram repletas de rachaduras, o chão rangia, as torneiras estavam enferrujadas e as portas tinham frestas, mas Bea gostava ainda mais de lá por causa disso; ela preferia mil vezes uma estética acolhedora e pitoresca a qualquer coisa que fosse moderna ou arrumadinha demais — o que, para seu gosto, carecia de personalidade.

Naquele momento, porém, com Ray dentro de um carro a poucos minutos de chegar, ela começou a observar a casa pelos olhos dele: não um ambiente artístico, mas degradado; não um espaço acolhedor, mas digno de pena. Bea ajeitou a saia de seu vestido preto de verão com corpete (carinhosamente apelidado por ela de “traje típico

de piranha tirolesa gótica”, por deixar os ombros de fora e ter um decote profundo até para os padrões da Oktoberfest) e se perguntou se seria assim que ele a veria.

“Que idiotice”, Bea murmurou, parando diante do espelho do hall de entrada para ajeitar de novo os cachos minuciosamente fixados com mousse, seus cabelos quase tão negros quanto o delineador aplicado à perfeição e que fazia seus olhos azuis se acenderem como lâmpadas elétricas. Ela respirou fundo: ele era só seu amigo, era apenas Ray fazendo uma visita. A presença dele ali não significava nada, assim como aquele beijo entre eles e tudo o que viveram juntos, tudo mesmo, provavelmente não tinha nada de especial. Era tudo coisa da sua cabeça, como sempre.

Mas assim que Bea abriu a porta e ele a envolveu nos braços, ela viu que estava errada.

“Bea.” Ele expirou forte e largou a mala no chão com um estrondo para poder abraçá-la por completo, apertando-a contra si.

“Oi, sumido.” Bea sorriu para ele e, minha nossa, Ray estava igualzinho, com seu nariz reto, seus lábios macios e aqueles olhos que a devoravam por inteiro e sempre a faziam corar, cheia de calor.

“Que saudade de você.” Ele lhe deu um apertão de leve e baixou a cabeça para beijar sua testa.

“Você sabia onde me encontrar o tempo todo”, ela respondeu, surpresa com o tom de ousadia na própria voz.

“Tem razão.” Ele segurou sua mão. “Eu sou um babaca mesmo. Deveria vir mais vezes.”

“Bom, você está aqui agora”, Bea disse baixinho.

“E você está... feliz com isso?” Ele a encarou, tornando impossível para Bea se esquivar do que havia por trás da pergunta.

“Qual é, Ray”, ela falou, fingindo estar tranquila e relaxada. “Você sabe que sim.”

“E então?” Ele aproximou o corpo do dela, dando um empurrãozinho de leve. “Quanto a gente precisa pagar pra fazer o famoso tour pela casa?”

“Ai, meu Deus, você nunca veio aqui. Que estranho, né?”

“Estranho a ponto de ser inacreditável.” Ele sorriu. “Mais estranho que o show de improviso no porão daquele restaurante de frango frito lá na Sunset.”

“Eles deveriam chamar aquele espetáculo de ‘A noite mais longa de nossas vidas’”, brincou Bea, e Ray caiu na risada. “Enfim, aqui é a sala de estar. Gostou?”

Ray passeou um pouco pelo cômodo acolhedor, observando os tesouros que Bea havia encontrado em suas viagens e que ocupavam todas as superfícies disponíveis — um elefante entalhado em madeira de Siem Reap, um vaso laqueado à mão de New Orleans, a carteirinha plastificada de membro do LACMA. Ray pegou uma bonequinha de vidro que Bea encontrara em Paris e a virou de um lado para o outro nas mãos.

“Você comprou isso na época da faculdade, né? Naquele mercado de pulgas que adorava? Ficava na sua mesa lá na agência.”

“Você tem boa memória”, respondeu Bea, com a voz repentinamente tingida de emoção.

“Essa casa é muito legal.” Ray sacudiu a cabeça. “Você precisa ver o nosso apartamento lá em Atlanta. É um pesadelo — tudo é novo e reluzente, tipo aquelas prisões projetadas em programas de decoração. Pensando bem, essa é uma ótima metáfora.”

Bea ficou sem saber o que dizer — ou se deveria falar alguma coisa.

“Hã, quer beber alguma coisa?”, ela arriscou. “Tem um vinho rosé na geladeira.”

“Parece uma ótima ideia.” Ray roçou os dedos dela com os seus, e Bea percebeu que aquilo, *sim*, era idiotice: a ideia de que pudesse ter superado o que sentia por ele.

O plano inicial era ir a uma festa no terraço do prédio de uns amigos dela no centro da cidade, mas Ray quis tomar banho primeiro. Então, depois de beberem uma taça de vinho, Bea ficou esperando no sofá, ouvindo a água correr e se esforçando para afastar da mente a imagem do corpo nu de Ray enrolado em uma das toalhas brancas macias que tinha separado para ele. Um calafrio percorreu sua espinha — ou talvez fosse só o efeito do ar-condicionado ligado no máximo.

“Estou me sentindo outro ser humano”, ele comentou ao voltar para a sala.

Era um absurdo — e uma profanidade, até — o quanto ele estava lindo usando só bermuda cáqui e uma camisa branca de linho. Cabelos pretos, pele molhada, tipo o James Bond depois de saltar de um barco e nadar até a praia.

“Suor de avião”, Bea se obrigou a falar, percebendo que sua voz estava uma oitava acima do normal. “Não tem nada pior!”

“Tem certeza de que quer ir a essa festa?” Ele se jogou no sofá ao lado de Bea, pousando casualmente o braço sobre o dela — ambos ficaram praticamente imóveis, como se tivessem percebido o contato de pele com pele, mas não soubessem o que fazer a respeito.

“Hã”, gaguejou Bea, “você não quer sair?”

Ray encolheu os ombros. “Sei lá. A gente podia ficar aqui mesmo. Se você quiser, claro.”

Ele estava sugerindo... o quê? Nada? Qualquer coisa? *Alguma coisa?*

Bea precisava sair daquela casa. Ficar ali com ele a estava deixando paranoica, tão desesperada por atenção que estava enxergando segundas intenções por trás de cada frase.

“O pessoal está esperando a gente.” Ela levantou do sofá e pegou o celular para chamar um carro. “Vai ser divertido, prometo.”

“Se você consegue encarar esse calor, acho que eu também aguento”, falou Ray em tom de brincadeira.

Bea quase soltou um suspiro de alívio. Ray só não queria passar calor! O que ele queria não era...

Eu. Ela fez questão de concluir o pensamento. *O que ele queria não era eu.*

Ótimo, então. Ele tinha uma noiva. Não poderia rolar nada, nem se ele quisesse. O que ele não queria, aliás. Assunto resolvido.

Bea apertou o botão de confirmação para chamar o carro. O motorista chegaria em sete minutos.

A festa estava começando a enveredar para o conceito errado de diversão: todo mundo um pouco bêbado demais, agitado demais, fazendo comentários engraçadinhos que em outro contexto poderiam ser levados na brincadeira, mas que ali soavam simplesmente maldosos, gente se irritando e fechando a cara, o calor que não diminuía nem mesmo depois de o sol se pôr.

“Quem é *esse* pedaço de mal caminho?”, perguntou Mark, amigo de Bea, com um olhar malicioso.

“É o Ray, e ele é hétero”, retrucou Bea.

“Mas sem preconceito.” Ray deu uma piscadinha, jogando todo o seu charme — como sempre, fazendo todo mundo com quem conversava se sentir especial, quando na verdade ninguém nunca era.

“Com licença, eu vou pegar outra bebida.” Bea revirou os olhos e foi reabastecer seu copo de ponche. Por que teve a ideia de ir àquela festa? Aliás, por que teve a ideia de encontrar Ray? Depois de tantos anos de saudades, ela

pensou que fosse se sentir bem na companhia dele, mas estava sendo péssimo. Apenas um doloroso lembrete do quanto gostava dele, e de que Ray nunca, nunca mesmo, seria seu.

“Ei, tá tudo bem?” Ray apareceu por trás dela e pôs a mão em sua cintura. Ela teve um sobressalto com aquele contato tão próximo e íntimo.

“Não faz isso”, ela reclamou.

Mas ele voltou a tocá-la. “Me diz qual é o problema.”

Mais acima, os fogos de artifício estouravam — flashes de luz verde e dourada, seguidos de suspiros de deleite ao redor deles, enquanto todos os olhares se voltavam para o céu. Mas não o de Ray. Seus olhos estavam cravados em Bea.

“Não tem problema nenhum”, ela garantiu. “Tá tudo bem.”

“Não mente pra mim”, ele falou em um tom firme, mas era possível notar um certo toque de desespero. “Eu sei que você não tá bem, Bea. Eu também não estou.”

As explosões e os estouros reverberavam ao redor, vermelhos e azuis e prateados, enquanto ele acariciava os punhos dela com os dedos.

“Bea...”

Ela sacudiu a cabeça. “Ray, o que você está fazendo?”

Ele a puxou mais para perto. “Você sabe o que eu estou fazendo.”

Os dedos dele subiram pelos antebraços de Bea, pelos bíceps, pelos ombros, até chegarem aos cabelos. Ela o

ouviu perguntar “Tudo bem se eu fizer isso?”, e não estava tudo bem, claro que não, porra, ela sabia que não, mas mesmo assim assentiu com a cabeça como se fosse uma marionete controlada por cordões invisíveis, e logo em seguida os dois estavam se beijando. Foi tudo muito intenso, o corpo dele colado ao seu, as mãos dele puxando seu rosto para perto, os dentes dele roçando seus lábios, e ela não conseguia nem respirar, e nada mais importava, e quando ele falou “A gente pode ir pra casa agora?” ela concordou de novo. Dessa vez por vontade própria. Com uma intenção em mente.

O trajeto de carro foi insuportável, a mão dele em sua coxa, o trânsito parado na autoestrada 101. Quando finalmente entraram na casa de Bea, ela pensou que eles nem sequer conseguiriam chegar até a cama; ele a pressionou contra a parede com força e arrancou seu vestido. Ninguém nunca a desejara tanto assim. Bea estava mais do que confusa, mesmo enquanto a coisa acontecia — Ray sempre a quisera daquele jeito? Por que não tinha rolado nada antes, quando a vida dos dois estava na mesma sintonia, quando ele era solteiro, durante todos aqueles anos que ela passara tão apaixonada?

Não importa, ela disse a si mesma. Ele está aqui agora. Depois de tanto tempo, ele está aqui.

Ray estava em cima dela, beijando-a de leve, e um sorriso se abriu no rosto de Bea.

“O que foi?”, ele perguntou, sorrindo também.

“Nada.” O coração dela disparou, em um momento de felicidade tão intensa que quase doía. “Eu só estou muito, muito feliz.”

“Eu também.” Ele a beijou de novo, e ela soltou um suspiro ao saber que o sentimento era recíproco. “Bea, você é tudo o que eu sempre quis.”

TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 5 DE JULHO: BEA SCHUMACHER E RAY MORETTI

Ray [7h23]: Oi

Ray [7h23]: Você já acordou?

Ray [7h24]: Desculpa não ter te acordado antes de ir embora

Ray [7h26]: Estou no trem agora, devo chegar em San Diego lá pelas dez, e vou ter que encarar uma maratona de brunches e essas coisas com os pais da Sarah

Ray [7h27]: Mas posso te ligar mais tarde?

Bea [13h31]: Ok

8 DE JULHO

Bea [9h25]: Oi

Ray [9h28]: Olá

Bea [9h29]: Você não me ligou naquele dia

Bea [9h29]: Acho que a gente precisa conversar

Ray [9h31]: Ah sim

Ray [9h32]: Eu fiquei sem tempo

Ray [9h32]: Essa semana tá uma loucura, depois a gente se fala

TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 8 DE JULHO
BEA SCHUMACHER E MARIN MENDOZA

Marin [9h33]: “Depois a gente se fala”?!?!?!?!?!?

Marin [9h33]: Não

Marin [9h34]: Não

Marin [9h34]: Desculpa

Marin [9h34]: Mas não

Marin [9h34]: Não acredito que ele disse isso pra você!!!!

Bea [9h36]: Pois é...

Marin [9h36]: E o que você respondeu?

Bea [9h37]: Nada. Eu não respondi

Bea [9h37]: Fiquei sem saber o que dizer pra ele

Marin [9h38]: O que você quer dizer pra ele?

Bea [9h41]: Sei lá, oi, Ray, acho que somos apaixonados um pelo outro faz quase uma década, apesar de você sempre arrumar um jeito de mudar de cidade, de ficar com outra garota, e agora você tá noivo, mas quando a gente estava na cama de repente pareceu que a minha vida toda começou a fazer sentido, talvez porque essa minha história estivesse finalmente terminando, ou começando, ou sei lá o quê, e aí você foi embora como sempre, porque você é um covarde, mas eu te amo mesmo assim. Mas queria não amar. Mas queria que você voltasse.

Marin [9h42]: Acho melhor você não dizer isso.

Bea [9h43]: Eu odeio a minha vida

Marin [9h43]: Não sai daí. Eu já tô indo.

**RECIBO DE ENTREGA FOOD2YOU
CLIENTE: BEATRICE SCHUMACHER**

ENTREGA PARA:

Beatrice Schumacher

1841 Avalon Way

Los Angeles, CA 90026

Refeições congeladas Stouffer's: Macarrão com queijo
(25 unidades)

Água gaseificada LaCroix (sabor Toranja) (6 fardos)
Salgadinho Doritos (sabor Cooler Ranch) (10 pacotes)
Salgadinho Doritos (sabor Nacho Cheesier) (10 pacotes)
Sorvete Skinny Cow (sabor original) (6 caixas)
Pasta de amendoim JIF Extra Cremosa (5 potes)
Biscoito Saltine (sabor original) (5 caixas)
Coca Cola Diet (12 fardos)
Indutor de sono Z-quil (2 caixas)
Papel higiênico ondulado Cottonelle (pacote com 18 rolos)

OBSERVAÇÃO:

Não tocar a campainha. A cliente abriu mão de conferir a entrega. Deixar mercadorias na porta.

TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 25 DE AGOSTO: BEA SCHUMACHER E MARIN MENDOZA

Marin [14h28]: Ei, já saiu de casa? A Sharon fez uma sangria de pêssego MTO BOA então é melhor chamar um carro em vez de vir dirigindo

Bea [14h30]: Acho que vou ficar por aqui, sabe? Tenho um monte de trabalho atrasado

Marin [14h31]: Bea, NÃO! Você já não veio no lance da Sneha ontem, e ela ficou puta!! Você saiu com o tal cara ontem?

Bea [14h35]: Não consegui

Marin [14h36]: Tudo bem

Marin [14h37]: Mas gata, você nunca vai desencanar dele se não conhecer ninguém novo

Bea [14h38]: Eu sei. Só não tô pronta.

Marin [14h38]: Queria que você viesse pra cá. Tá todo mundo querendo te ver.

TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 25 DE AGOSTO: BEA SCHUMACHER E RAY MORETTI

Bea [19h48]: Sério mesmo que você não vai responder os meus e-mails? Nem um deles que seja?

Bea [19h48]: Não tô querendo arruinar sua vida. Só queria conversar.

Bea [19h49]: Que horrível tudo isso, Ray. Estou com saudade de você.

MENSAGENS SELECIONADAS DO TINDER DE BEA SCHUMACHER

Jim: E aí!!!!!!!

Bea: Ah, oi:)

Jim: QUERO. ESSAS. CURVAS.

Bea: Hã... o quê?

Jim: SUAS CURVAS BEA QUERO PASSEAR NESSAS SUAS CURVAS

****match desfeito e usuário bloqueado****

Todd: e aí b

Bea: de boa, T. como você está?

Todd: posso ir na sua casa

Todd: endereço?

Bea: você não acha que a gente tá pulando umas coisinhas nessa conversa?

Todd: que

Bea: Oi, Alex! Adorei essa foto em Paris. É minha cidade favorita. :)

Alex: Desculpa aí, mas acho não vai rolar.

Bea: Como assim?

Alex: Você precisa mostrar o corpo na foto principal. Foto só de rosto é sacanagem.

Kip: Olá, Bea. Como está sendo sua semana?

Bea: Oi, Kip! Tudo normal, trabalhando um pouquinho, fazendo umas caminhadas agora que parece que o outono finalmente chegou.

Bea: (Aimeudeus, será que eu virei uma chata que não tem assunto e fica falando sobre o tempo? Pff.)

Bea: E você, como está a sua?

Kip: Ha! Como moradores de Los Angeles, acho que temos a obrigação de fazer um registro formal quando a máxima cai de 28 para 25 graus.

Kip: Tudo bem por aqui. Que tal a gente se encontrar pra beber alguma coisa?

Bea: Claro, por mim tudo bem. Pode ser na quinta?

POSTAGEM DO BLOG OMBEA.COM

7849 COMPARTILHAMENTOS  22 378 CURTIDAS 

Olá, OMBeldades! Certo, preciso confessar pra vocês: estou sorrindo na foto, mas não estou me sentindo muito bem. Fui a um encontro do Tinder hoje — o primeiro depois de um bom tempo, aliás. Como vocês podem ver, usei meu clássico Uniforme de Primeiro Encontro: calça jeans skinny com lavagem clara e uma blusinha de gola V da Universal Standard que

milagrosamente valoriza as curvas de *qualquer* corpo, botas cano alto Stuart Weitzman com a estampa floral em Technicolor dos meus sonhos e brincos verdes bem chamativos que comprei em uma feira de rua em Barcelona no verão passado. Uso esse mesmo look em todos os primeiros encontros (pretendentes, estejam avisados!) por uma razão: acho que, quando a pessoa está estressada e ansiosa porque vai conhecer alguém, é bom ter uma roupa que te deixe confortável mas também confiante, não muito produzida mas sexy — isso alivia um pouco a tensão.

E, minhas beldades, eu *estava* me sentindo ótima. Pelo menos até chegar ao bar que ele escolheu.

Em geral, quando saio com alguém, inclusive amigos, sou eu que planejo tudo. Escolho o restaurante ou bar para saber se os lugares são confortáveis (sério mesmo, a gente vai ter que suportar ficar espremida naqueles sofazinhos para sempre?); peço eu mesma o carro e pago a taxa extra por um sedã ou um SUV para não me sentir sufocada e claustrofóbica no banco de trás de um desses compactos minúsculos.

Mas hoje o meu acompanhante estava superempolgado para ir a um barzinho novo todo chique aqui no bairro: um espaço minúsculo, cheio de mesinhas altas de dois lugares e lotado de gente. Fiquei o tempo todo me sentindo deslocada, pedindo desculpas para todo mundo em que inevitavelmente esbarrava, rezando para não derrubar bebida em ninguém e com a

sensação de que, não importa onde ficasse, estava sempre no meio do caminho.

Um primeiro encontro é estressante para qualquer um, mas no meu caso as inseguranças naturais são amplificadas pelo eco de todas as coisas horrorosas que a sociedade já insinuou (ou declarou abertamente) sobre o fato de eu ser gorda. Meu date não disse nem fez nada que tenha me levado a pensar que talvez eu não fosse atraente, mas naquele bar cercada de gente magra (ah, Los Angeles) era fácil demais retornar ao senso comum de que eu seria muito mais feliz se fosse como aquelas pessoas. E que, caso eu conseguisse fazer meu corpo caber num daqueles banquinhos minúsculos, eu teria um relacionamento perfeito e feliz em vez de ter que me submeter a uma situação como aquela, em que eu só tinha vontade de desaparecer.

Sei que nada disso é verdade, claro. Sei que não tenho como mudar meu tipo físico (e nem quero!), sei que as mulheres magras não são mais felizes que eu, sei que essas inseguranças foram plantadas e reforçadas no meu cérebro pela indústria da perda de peso, que lucra 70 bilhões de dólares por ano com nosso sentimento de inadequação, apesar de 97% das dietas terminarem em fracasso. (E se esse dinheiro todo fosse investido na solução de problemas de saúde de verdade? A cura para o câncer de ovário não seria descoberta rapidinho?) Eu sei de tudo isso. Mas às vezes, como hoje, é impossível não me sentir assim.

Certo, minhas beldades, já chega de reclamação por aqui — eu vou dormir. Obrigada pela companhia; vocês são uma luz na minha vida mesmo nas noites mais tenebrosas. Até breve.

Beijinhos, Bea

Comentário de Sierra819: Que pena que seu encontro não foi legal, Bea!!! Mas você está linda!

Comentário de djgy23987359: você devia agradecer por alguém querer sair com você vai procurar um médico antes que acabe morrendo de diabete

TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 3 DE
OUTUBRO:
BEA SCHUMACHER E MARIN MENDOZA

Marin [22h53]: Acabei de ler seu blog... tá tudo bem? E o Kip??

Bea [22h56]: Oi, eu tô bem. Ele foi legal. Foi tudo bem.

Marin [22h57]: Acho que a palavra “bem” nunca pareceu tão assustadora antes.

Marin [22h57]: Você acha que vai sair com ele de novo?

Bea [22h59]: Não, foi muito sem graça. A gente quase não tinha assunto, na verdade.

Marin [23h00]: Qual é, você consegue conversar até com uma porta se for preciso.

Bea [23h02]: Sei lá. Senti um aperto no peito, tava morrendo de vontade de ir embora. Acho que ainda era cedo demais pra mim.

Marin [23h03]: Argh, que pena, gata. Quer que eu vá até aí?

Bea [23h04]: Você é um anjo, mas tá tudo bem. Vou matar o resto do rosé que tenho na geladeira, ver uns episódios antigos de Brooklyn Nine-Nine e depois dormir.

Marin [23h04]: Legaaaal adorei o plano! Se inspira bastante na Rosa Diaz pra nunca mais precisar sair com homens!!

Bea [23h06]: É assim que funciona a coisa?

Marin [23h06]: Então, se eu nasci gay ou *virei* gay por causa da Julia Stiles em *10 Coisas que Eu Odeio em Você* eu nunca vou saber.

Marin [23h06]: Vê se dorme um pouco e não fica acordada até tarde escrevendo e-mails que você sabe que nunca vai mandar pra um certo alguém, certo?

Bea [23h08]: Pode deixar. Prometo.

E-MAIL NÃO ENVIADO DA PASTA DE RASCUNHOS DE
BEA@OMBEA.COM

De: Bea Schumacher <bea@ombea.com>

Para: [sem destinatário]

Assunto: [sem assunto]

Ray,

Não sei o que dizer pra você, mas acho que preciso dizer alguma coisa.

Ainda sinto saudade. Muita saudade, não mais todo dia, nem toda hora, não como antes, mas quando lembro por um instante de como foi bom, nossa, eu fico sem rumo. Não é ridículo? Depois de tantos meses e dos anos todos em que fui manipulada por você, com você sumindo da minha vida e reaparecendo quando bem entende, fazendo o possível e o impossível para te esquecer, você ainda está na minha pele, no meu sangue, como se fosse a substância que me mantém viva. Puta que pariu, eu te odeio por isso, e me odeio também, por aceitar fazer parte dessa palhaçada. Porque, fala sério, por acaso eu sou uma idiota? Sou patética a ponto de cair de quatro assim que um homem bonito e inteligente me dá alguma atenção, apesar de saber o quanto ele me faz mal, e de ter plena consciência disso?

Pra mim você é como um fosso do qual eu não consigo sair. Tentar escalar a parede em busca de um fragmento da luz do dia é extenuante, é muito mais fácil deixar os seus braços ausentes me puxarem cada

vez mais para baixo. Eu fico me lembrando do seu gosto e minha respiração acelera, meu corpo se contorce. Quando me lembro de você dentro de mim, não consigo nem pensar direito.

Não sei como te dei esse poder sobre mim, e sou uma louca por ter te concedido isso. E, puta merda, eu sei que deve ser tudo coisa da minha cabeça, e que você mesmo não tem nada a ver com isso. Você é apenas o receptáculo de toda a minha tristeza, que brilha graças à energia nuclear da minha solidão. Se eu tentar me imaginar sem você, não me sinto livre. Me sinto sem chão, sem rumo. Como se eu não fosse nada e não estivesse em lugar nenhum.

Mas quando imagino você me abraçando, eu desmorono. Ray, não sei mais como viver.

É loucura, eu sei que estou parecendo uma louca. Não vou te mandar isso. Eu jamais mandaria. Mas, minha nossa, Ray. Você não sente a minha falta? Não a ridícula que sou hoje, mas quem eu era até pouco tempo, sua melhor amiga?

Eu estou perdida, Ray. Não sei mais o que existe entre a gente.

TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 14 DE OUTUBRO:

BEA SCHUMACHER E MARIN MENDOZA

Marin [16h15]: Então, hoje às sete e meia? Eu levo o vinho e você pede a comida?

Marin [16h16]: Tô pensando naquele tailandês metido a besta, aquele que tem aquele pad kee mao que é uma loucura... Mas sei lá de repente topo um hambúrguer. AHHHH OU UM KEBAB

Bea [16h22]: ??????

Marin [16h23]: HOJE É A ESTREIA DA TEMPORADA DO É PRA CASAR BEA OU POR ACASO VOCÊ ESQUECEU

Bea [16h26]: Eu... esqueci sim

Marin [16h26]: A boa notícia é que a gente vai assistir na sua casa então não tem como você cancelar

Bea [16h27]: Vou pedir comida vegana

Marin [16h28]: Argh, não seja vingativa. Até mais!!

SEQUÊNCIA DE TUÍTES DE @OMBEA

@OMBea Olá, OMBeldades! Esqueci totalmente que hoje era a estreia do @PraCasarABS, mas agora minha melhor amiga e eu estamos no meu sofá com tacos e tequila e prontas pra tuitar sobre tudo! Quem vem?

@OMBea É impressão minha ou o povo desse programa tá cada vez mais sem graça? Jayden é o homem branco mais branco da história e cada uma dessas meninas é basicamente uma performance ensaiada de feminilidade heterossexual.

@OMBea Tipo o que aconteceria se uma delas usasse CALÇA? Ou tivesse CABELO CURTO? Seria o fim do mundo?

@OMBea E claro que nenhuma delas JAMAIS poderia ter um manequim maior que 38, porque o pau do coitado do Jayden ia quebrar sob o peso esmagador de uma mulher normal.

@OMBea Minha amiga @MaybeMarin quer saber se a gente pode brincar de entornar uma bebida a cada vez que uma das garotas disser que precisa de um homem pra completar a sua vida. Acho que não pq a gente ia acabar enchendo a cara, mas o que vocês me dizem?

@OMBea QUEM É ESSA TAYLOR E POR QUE ELA TÁ DIZENDO TODAS ESSAS COISAS SOBRE FINANÇAS PESSOAIS CASA COM ELA JAYDEN

@OMBea (a gente resolveu topar a brincadeira da bebida)

@OMBea Ah e tem mais uma coisa. Essas mulheres supostamente são “reais” mas os corpos delas não são NADA realistas. Que pessoa normal TEM UM CORPO DESSES?

@OMBea Antes de alguém vir falar sobre a única garota plus-size que participou do programa a) ela era

LITERALMENTE UMA MODELO PROFISSIONAL e b) foi eliminada na primeira noite então é melhor nem tentar

@OMBea E é claro que eu sei que isso é TV, que é tudo combinado e falso, mas eles vendem como realidade, um reality show! Com pessoas reais procurando um amor de verdade! Só que 95% dos seres humanos não têm essa aparência.

@CisforCatie MANDA VER, BEA!!

@dcfan822828 bom você nunca vai encontrar o amor então...

@EmmaCsYou adorei isso!!!!!! quero mais!!!! você pode postar sobre isso no blog????

TRANSCRIÇÃO DE MENSAGENS DE TEXTO, 15 DE
OUTUBRO:
BEA SCHUMACHER E MARIN MENDOZA

Marin [7h29]: Uhhhhhhhhhhhhhhhhhh

Marin [7h29]: Tá acordada

Marin [7h30]: Não deve estar, certo, entendi

Marin [7h31]: Quando acordar... dá uma olhada no Twitter

Bea [9h41]: Aimeudeus, por que, cancelaram quem agora

Marin [9h42]: Bea.

Marin [9h42]: Ontem depois do programa... você escreveu no seu blog?

Bea [9h43]: Bom meu notebook tá de cabeça pra baixo em cima de uma pilha de batons (?) no balcão da cozinha (??), então... é possível

Bea [9h43]: Ah peraí, sim, com certeza escrevi

Bea [9h43]: Uau eu tava com raiva mesmo, hein????

Marin [9h44]: Por favor, dá uma olhada no seu Twitter.

VIRALIZADA DA SEMANA: 18/10
por Patrick Matz, mashable.com

Nós tínhamos certeza de que o conteúdo mais compartilhado da semana seria o já infame vídeo de um gatinho sendo catapultado de uma gangorra por uma criança rechonchuda (se você ainda não viu, não deixe de [clicar aqui](#)), mas uma onda repentina de engajamento nos deu uma nova campeã: a crítica demolidora da blogueira plus-size Bea Schumacher ao megassucesso dos reality shows de romance *É Pra Casar* foi compartilhada mais de 1 milhão de vezes no Facebook, Twitter, Tumblr e Instagram. De acordo com nossa estimativa, a postagem foi vista por mais de 15 milhões de pessoas, e recebeu uma cifra atordoante de 3 milhões de curtidas. Leia abaixo outros conteúdos virais da semana: entre eles, uma imperdível teoria da

conspiração no Twitter sobre coisas que você jamais imaginou que precisava saber a respeito dos cachorros da Hillary Clinton.

**“ARRUME SUAS COISAS E VÁ EMBORA”:
BLOGUEIRA PLUS-SIZE DETONA É PRA CASAR**
por Danielle Kander, bubblegiggle.com

A blogueira plus-size Bea Schumacher adora o *É Pra Casar* — e não está sozinha nessa! Quem consegue resistir à ideia de ver um homem ou uma mulher decidir entre 25 pretendentes, estreitando o leque de escolhas semana a semana até restar uma única pessoa de sorte para um pedido de casamento de conto de fadas, um noivado tórrido e uma separação discreta entre seis e oito semanas depois?

Mas eu não gosto nem um pouco da absoluta falta de diversidade do programa, e Schumacher também não. Na segunda à noite, ela postou em seu blog OMBea (se você ainda não a segue, está usando a internet do jeito errado) um texto épico. Falou sobre a “lamentável” falta de diversidade racial, a “inacreditável” ausência de pessoas *queer* e, acima de tudo, a “vergonhosa recusa a incluir qualquer mulher que vista acima de 38, apesar de dois terços das americanas usarem tamanhos de 48 para cima”.

“*É Pra Casar* é o reality show de romance de maior sucesso na história da televisão”, escreveu Schumacher. “Mostra pessoas ‘reais’ em busca do amor — mas, de

acordo com seus parâmetros, pessoas gordas não são reais. Nós não somos dignas de atenção. Nós nem sequer existimos.”

Até o momento, o texto demolidor de Schumacher foi compartilhado mais de 1 milhão de vezes nas redes sociais, o que levou a uma avalanche de visitas a seu blog e seu perfil no Instagram, onde ela agora tem mais de 600 mil seguidores. Da minha parte, eu acho ÓTIMO que mais gente conheça a mensagem de positividade corporal que Bea tem a nos passar, e torço para que sua crítica provoque alguma mudança efetiva no programa *É Pra Casar* — e na televisão como um todo.

**SELEÇÃO DE MANCHETES NA MÍDIA DIGITAL
DURANTE A EXIBIÇÃO DA TEMPORADA 13 DE *É PRA
CASAR***

**CONHEÇA A MULHER QUE ESTÁ DEMOLINDO O
“REALITY” DE ROMANCE**

Bea Schumacher é plus-size com orgulho!

**ABAIXO-ASSINADO ONLINE FORÇA ANUNCIANTES
A BOICOTAR *É PRA CASAR***

O abaixo-assinado, lançado no site change.biz, conseguiu mais de 40 mil assinaturas.

**“UMA BLOGUEIRA DE PESO”: VOCÊ TRANSARIA COM
UMA GORDA?**

De acordo com nossa nova pesquisa, 60% dos homens iriam para a cama com Bea Schumacher.

**INCELS FURIOSOS MANDAM CAIXAS DE SHAKES
DIETÉTICOS**

PARA BLOGUEIRA PLUS-SIZE

Clima esquenta no Twitter depois que ativistas pelos direitos dos homens publicaram o endereço residencial de Bea Schumacher.

**BLOGUEIRA PLUS-SIZE DOA CENTENAS DE CAIXAS DE
SHAKE DIETÉTICO**

PARA BANCO DE ALIMENTOS DE L.A.

“Eles têm o mesmo valor nutricional da proteína de soja, seus misóginos de merda”, diz Bea Schumacher.

**POLÊMICA: EX-PARTICIPANTE DE *É PRA CASAR* REVELA
PRESSÃO PARA FAZER DIETA**

Gina DiLuca afirma que as mulheres no set eram incentivadas a tomar remédios para emagrecer e laxantes: “Era literalmente um festival de cagadas”.

**EM FINAL MORNO, *É PRA CASAR* TEM MENOR
AUDIÊNCIA EM CINCO ANOS**

O famoso produtor Micah Faust pode estar em maus lençóis na rede ABS.

***É PRA CASAR* CONSEGUE SOBREVIVER SEM A AUDIÊNCIA
FEMININA?**

Em meio a polêmicas e índices de audiência perigosamente baixos, surgem boatos de que a ABS pode cancelar seu reality show de maior sucesso.

LAUREN MATHERS ASSUME CARGO DE PRODUTORA
EXECUTIVA

EM GRANDE REFORMULAÇÃO DO *É PRA CASAR*

por Tia Sussman, *deadline.com*

Depois de uma onda de publicidade negativa e dos menores índices de audiência em cinco anos, *Deadline* confirmou com exclusividade que o produtor executivo e diretor Micah Faust está FORA do *É Pra Casar*. A produtora Lauren Mathers — que por muito tempo foi o braço direito de Faust e na prática tocava as operações do dia a dia no set — foi promovida à posição de chefia e assumirá a função imediatamente, segundo o *Deadline* apurou junto à ABS.

“Fazia um bom tempo que a diretoria da ABS estava procurando um pretexto para se livrar de Faust”, declarou nossa fonte na ABS, sob a condição de anonimato. “Alyssa [Messersmith, vice-presidente de reality shows e documentários da ABS] detestava a merda toda que o Faust causava — as drogas, as mulheres, o comportamento perigoso dentro do set, as produções suspensas sem aviso prévio.”

A fama de *bad boy* de Faust já vem de décadas, mas pouca gente acreditava que ele pudesse ser demitido de um programa criado por ele mesmo. Quanto a sua sucessora, Mathers sempre foi uma presença discreta no ramo televisivo, mas vinha ascendendo na hierarquia da produção de *É Pra Casar* ao longo dos últimos cinco anos. Sua reputação é a de ser uma pessoa respeitada

dentro do set e bem-vista pela equipe técnica. Aos 28 anos de idade, é uma das produtoras executivas mais jovens da televisão — mas, segundo nossa fonte, não deve ser subestimada.

“Lauren tem visão estratégica”, explicou a fonte. “Ela sabia que era a hora certa para tentar tomar o lugar de Faust, e encontrou em Alyssa a aliada ideal para isso.” Mas Mathers não tem motivos para acreditar que está segura na cadeira de Faust. Como a fonte do *Deadline* acrescentou: “Se Lauren não fizer a audiência subir na próxima temporada, sem dúvida nenhuma Alyssa vai mandá-la para o olho da rua também. Tem um monte de gente do ramo que adoraria comandar um programa do tamanho de *É Pra Casar*”.

TROCA DE MENSAGENS PELO INSTAGRAM, 6 DE JANEIRO: @OMBEA E @LMATHERS1116

LMathers1116 Olá Bea, aqui é a Lauren Mathers, a nova produtora executiva do *É Pra Casar*. Adoraria conversar um pouco mais sobre o seu texto. A gente pode se encontrar pra um café? Onde você está?

OMBea Oi, Lauren. Nossa, que inesperado! Estou em Echo Park.

LMathers1116 Ai, NÃO! Eu estou em Venice.

OMBea Ha, do outro lado do mundo. Pode ser por telefone?

LMathers1116 Não, eu adoraria encontrar você pessoalmente. Vamos achar um meio-termo: um drinque na piscina do Standard em WeHo? Que tal amanhã às três?

OMBea Claro, está ótimo. Até mais, então.

* * *

Desde o Quatro de Julho, Bea sentia que abrir os olhos de manhã era uma espécie de máquina de caça-níqueis emocional: cinco da manhã, acordar. Mecanismo acionado. Um dia estressante e assustador: os braços de Ray e o cheiro dele já se fazem presentes. Não. Começar o dia assim não é uma boa — puxar a alavanca outra vez. Mais vinte minutos de sono, talvez quarenta. Mecanismo acionado. Certo, assim está melhor, apenas mais um dia, uma terça-feira qualquer. Isso dá para encarar. E lá vamos nós.

Ela fez esse exercício toda manhã durante meses, com desejos e presságios se misturando na hora de ir para a cama à noite. Talvez amanhã seja melhor. Talvez seja a mesma coisa.

O que enlouquecia Bea de verdade era sua total falta de controle sobre a situação. Não importava se seu dia tivesse sido bom, ou produtivo, ou se tinha desfrutado da companhia dos amigos, ou se havia chorado aos montes na terapia; não parecia existir nenhuma correlação entre

tudo isso e a forma como se sentiria na manhã seguinte. Ou vinte minutos depois.

No auge da polêmica do texto sobre o *É Pra Casar* que viralizou na internet, ela foi inundada de tal forma por mensagens no celular e em seus perfis nas redes sociais, além de e-mails e pedidos de entrevistas da imprensa, que em sua rotina cansativa e corrida mal havia espaço para Ray. Durante aquelas semanas, ela não acordava pensando nele; em vez disso, ele se infiltraria em sua consciência mais tarde, ficava sempre à espreita, rondando seus pensamentos, à espera de alguns minutos entre um telefonema e outro ou um tempo perdido em um congestionamento para dar o bote.

Bea sabia que chorar por ele era inútil. Um beijo em meio de uma bebedeira cinco anos antes; uma noite ao mesmo tempo perfeita e terrível seis meses atrás. Ele não era o amor da sua vida — nem sequer respondia a suas mensagens. Então por que diabos não conseguia esquecê-lo e seguir em frente?

Ela se arrastou para fora da cama e examinou sua agenda para aquele dia: mais ou menos vazia, porque L.A. demorava para recuperar o ritmo depois das festas de fim de ano. Não havia nada além da conversa marcada no Standard para as três horas.

Lauren Mathers. Que coisa mais estranha.

Quando a postagem do seu blog bombou, Bea criou uma vaga expectativa — certo, estava mais para uma fantasia — de que alguém do *É Pra Casar* poderia entrar em

contato, talvez até convidá-la para prestar consultoria para o programa, ou de repente participar dele de alguma forma. Mas eles se recusaram até mesmo a reconhecer a existência do seu texto, não escreveram nem uma nota oficial. A estratégia era ficar em silêncio e deixar as críticas perderem a força e morrerem — e tinha funcionado, em certo sentido. As palavras de Bea só foram notícia por algumas semanas; houve uma repercussão subsequente, com alguns artigos de opinião discutindo a falta de diversidade corporal na cultura pop, mas esse debate também não durou muito.

Portanto, o motivo para a produtora executiva do *É Pra Casar* ter entrado em contato com ela justamente quando seu texto já tinha sido esquecido quase por completo era incompreensível. Bea mandou um e-mail para Olivia, sua agente, logo depois de falar com Lauren no Instagram, mas como ela não conseguiu descobrir nada com seus contatos na ABS, seria uma espécie de encontro às cegas.

Deve ser só uma tentativa de aproximação, Olivia escreveu por e-mail, para você se sentir menos tentada a abrir fogo contra eles de novo quando a nova temporada estreiar, em março. Por falar nisso, precisamos agendar umas aparições suas nos programas matinais da TV perto da estreia. Talvez em alguns talk shows noturnos também. Você sabe ser engraçada, né?

Tentar encontrar o visual perfeito para um drinque no Standard era basicamente inútil. Aquela região da cidade era o epicentro da cultura narcisista de L.A., onde todos eram ou aspirantes a estrelas de cinema ou candidatos a ir

para a cama com alguém importante no ramo — pessoas que nem sequer cogitariam que Bea pudesse ter orgulho de seu corpo. Mas ela estava determinada a comparecer àquela conversa com um estilo ousado e marcante, então, depois de uma hora avaliando as opções, optou por um de seus looks favoritos: um macacão cor de lavanda com uma estampa divertida de cobra da Nooworks, com um cinto corset marrom-acinzentado para definir melhor o contorno da cintura e botas caramelo luxuosíssimas com salto largo de madeira; para completar, seus óculos escuros prediletos, uma armação em estilo aviador da Tom Ford, e brincos de argola em ouro rosé com strass.

Chegou dez minutos adiantada, mas Lauren já estava à sua espera — ela levantou da mesa e foi cumprimentar Bea assim que ela pôs os pés no deque da piscina.

“Bea! Que bom conhecer você.” A voz de Lauren era condizente com sua aparência: rica, perspicaz e objetiva. Magérrima em sua calça jeans skinny, com uma blusinha de seda, um blazer verde-escuro e sandálias de saltos altíssimos, ela tinha a aparência exata de uma garota milionária formada em Yale que Bea tinha visto no Instagram naquela manhã. Os reluzentes cabelos ruivos eram grossos e lisos, a pele, macia e sardenta. E os olhos castanhos estavam sempre alertas. Logo ficou claro para Bea que ela era o tipo de mulher que não deixava nada passar despercebido.

“Oi Lauren.” Bea sorriu e instintivamente deu uma ajeitada em seus cachos rebeldes (que se tornavam ainda

mais indomáveis dada a insistência em andar o tempo todo com a capota abaixada em seu Saab conversível antigo, cuja pintura verde-abacate lhe rendeu o carinhoso apelido de Caco, o Carro).

“Então você também sempre chega mais cedo pra tudo?”, Lauren perguntou enquanto elas se acomodavam em uma mesa à beira da piscina, com uma ampla vista das colinas de Hollywood mais adiante. “Não é comum entre as pessoas aqui na cidade.”

“Geralmente não”, Bea admitiu, “mas o trânsito estava livre. Eu adoro L.A. entre o Natal e o início do Sundance.”

“Ah, nossa, eu também!”, disse Lauren, rindo. “A única coisa melhor é o Coachella — é como se todos os babacas da cidade desaparecessem ao mesmo tempo, então sobra um monte de lugares pra gente estacionar. Oi!” Ela se virou para a garçonete, cuja aproximação Bea não tinha visto. “Você pode trazer pra gente uma porção de nachos e guacamole, e também alguns daqueles rolinhos de verão que não estão no cardápio? E eu pedi dois French 75 para o barman — será que estão vindo?”

“Sim! Eu pego pra vocês.”

“Legal.”

Lauren entregou os cardápios fechados para a garçonete, que se retirou sem nem sequer olhar para Bea. Ela se voltou para Lauren, já um tanto desconfiada.

“Então você sabe qual é o meu drinque favorito?”, Bea questionou.

“Bea, você vai descobrir em breve que eu tenho uma quantidade de informações surpreendente a seu respeito.”

“E por quê?”, Bea perguntou, incapaz de conter a curiosidade. Um sorriso de deleite surgiu no rosto de Lauren.

“O que você responderia”, ela falou bem devagar, saboreando as palavras na boca, “se eu dissesse que você é a minha escolha para a nova protagonista?”

“Como é?”

“Dois French 75!” A garçonete estava de volta com as bebidas. Lauren levantou a taça para brindar com Bea, que se sentia incapaz até de pensar, quanto mais de se mover.

“Certo”, Lauren falou em um tom gentil, “acho que eu poderia ter ido com mais calma ao assunto. Mas, Bea, isso não é o máximo? Você vai ser o novo rosto dos reality shows televisivos.”

“Então...” Bea sentiu sua garganta secar. “O que você está dizendo é que...”

Lauren pôs o drinque na mesa e se inclinou para a frente. “O que estou dizendo é que eu quero que você seja a próxima protagonista do *É Pra Casar*. Quero escolher a dedo vinte e cinco homens para disputar sua atenção, e quero que você seja pedida em casamento por um deles na frente das câmeras. Quero mudar a maneira como as mulheres plus-size são vistas neste país. Quero fazer sua carreira decolar e transformar sua vida.”

Ao ouvir isso, Bea caiu na risada. “Desculpa, desculpa mesmo, mas... *por quê?*”

Os aperitivos foram servidos e Lauren pegou um pouco de guacamole, como se estivesse em uma conversa casual, e não participando do diálogo mais absurdo que Bea já tivera na vida.

“Bea, seu texto foi absolutamente perfeito. Tudo o que você falou sobre o programa ignorar mulheres que estão fora de determinados padrões de beleza hiperfemininos, a ausência sistemática de qualquer tipo de diversidade. Sabe os caras que comandavam tudo, os meus antigos chefes? Eles *odiavam* você. E quer saber? Eu sentia um puta ódio deles. Detestava a presunção e a falta de consideração deles pelas mulheres, e o fato de acharem que somos tão idiotas a ponto de engolir aquela versão imbecil de Cinderela que eles inventaram ano após ano, que somos incapazes de querer coisa melhor — ou de esperar mais dos homens por quem nos apaixonamos. Rainha de concurso de beleza, esposa, mãe. Como se nunca pudéssemos querer nada além disso.”

“Então é verdade que você armou uma puxada de tapete?”, perguntou Bea. Lauren se recostou na cadeira com um sorrisinho de satisfação nos lábios.

“Eu não diria que foi uma ‘puxada de tapete’.”

“Você diria que foi o quê?”

“Eu diria que comandeí o dia a dia no set do *É Pra Casar* nas últimas quatro temporadas. Diria que o meu trabalho se tornou indispensável, e que o elenco, a equipe técnica e o pessoal da emissora trabalham muito melhor comigo do

que com certos homens que não faziam muita coisa além de dar uma de escrotos e ganhar salários milionários.”

“E você convenceu a emissora de que valia a pena tirar os escrotos de cena e economizar essa grana.”

Lauren bateu com o dedo na ponta do nariz — na mosca.

“Então por que essa mudança de rumo?”, questionou Bea. “Agora que você finalmente está no comando, por que não seguir a fórmula de sempre e garantir seu emprego?”

“Pra começo de conversa, a fórmula de sempre não funciona mais. O final da última temporada teve a audiência mais baixa de todas. Em segundo lugar, de que adiantaria assumir o comando se fosse só pra pôr em prática a visão retrógrada de outra pessoa? Eu falei para a emissora que daria uma sacudida nas coisas e faria a audiência subir, e estou com um monte de ideias legais pra fazer isso acontecer.”

“Por exemplo?”, Bea perguntou.

“Por exemplo, eliminar os *spoilers*.”

“Quê? Como isso seria humanamente possível?” Bea estava incrédula: desde o surgimento dos celulares com câmeras, as imagens de quem estava dentro ou fora de cada temporada de *É Pra Casar* rodavam a internet inteira antes mesmo de as eliminações serem transmitidas pela televisão.

“Mudando o cronograma de gravações. Em vez de rodar a temporada inteira com antecedência e transmitir depois,

vamos fazer um programa de estreia ao vivo e filmar os episódios quase em tempo real: tudo o que gravarmos durante a semana vai ao ar na segunda-feira seguinte.”

“Putá merda.” Bea estava impressionada de verdade. “E dá pra fazer isso?”

“Claro! Existem reality shows na Inglaterra com episódios *diários*. Não vai ser fácil, mas eu sei que a nossa equipe de edição consegue montar um episódio por semana sem problemas. Eliminar os spoilers é só metade da minha estratégia, na verdade. A outra é ter você no programa. Este país nunca viu alguém como você sendo protagonista de um programa como esse. Vamos entrar em sintonia com os novos tempos e levar a audiência às alturas.”

“Parece uma boa estratégia, mas por que eu? Sei que o fato de eu ter muitos seguidores é um ponto positivo, mas por que não escalar alguém que, sabe como é, não tenha detonado o programa publicamente? Você não acha que as pessoas vão me ver como uma hipócrita que faz qualquer coisa pela fama se eu embarcar nessa?”

“O fato de você ter muitos seguidores é muito importante para nós”, Lauren admitiu. “Mas, Bea, o que você escreveu é o *motivo* pra eu querer a sua participação. Você explicou por que nós assistimos a esse tipo de programa, pra começo de conversa — o quanto nos identificamos com essas pessoas bobas que se arriscam a passar vergonha em rede nacional porque realmente estão atrás de um amor. Você se sentiu decepcionada porque o

programa dava a entender que nenhuma daquelas pessoas bobas poderia se parecer nem remotamente com alguém como você. Se fizer o programa, vai ser uma chance de provar que você — e, por extensão, milhões de outras mulheres com o seu tipo físico — podem, *sim*, encontrar um amor. E que vocês merecem estar sob os holofotes assim como qualquer outra mulher.”

Bea pegou seu French 75 e deu um belo gole, sentindo a ardência da bebida gasosa descer por sua garganta.

“Posso fazer uma pergunta?” Lauren encarou Bea com seus olhos penetrantes. “Bea, por que você *não* faria isso?”

“Pra uma mulher gorda, ficar sob os holofotes não é exatamente um passeio no parque”, respondeu Bea. “Eu já senti um gostinho da trollagem em massa quando meu texto viralizou.”

“Eu li a respeito dos shakes dietéticos.” Lauren franziu a testa. “Escrotos.”

Os shakes tinham sido um baque terrível. O que a princípio foi recebido como motivo de piada por ela e Dante, o funcionário da transportadora que fez as primeiras entregas, logo se transformou em pesadelo quando centenas e depois milhares de embalagens começaram a surgir na porta de sua casa. Mas isso não foi o pior — nem de longe.

“Eu não podia postar nada no Twitter sem receber ameaças de estupro e até de morte. Publicaram o endereço da minha casa na internet, me mandaram mensagens de texto horrorosas de números anônimos, com fotos de

pinto a qualquer hora do dia ou da noite, um bando de desconhecidos me diziam que iam subir em cima de mim e me fazer guinchar como a porca que eu sou. E tudo isso só por causa de um texto em um blog! Se eu participar do programa, com toda essa exposição... Sei lá. Não sei se valeria a pena.”

“Muita gente pensa que a fama torna a vida mais fácil”, comentou Lauren, “mas todo mundo que já esteve no centro das atenções sabe como é complicado. As pessoas projetam as próprias inseguranças em você — principalmente os homens, aqueles bostinhas de autoestima frágil.”

“Esse não foi um argumento dos mais reconfortantes”, retrucou Bea.

“Mas pensa bem: você encarou essa merda toda como uma pessoa relativamente anônima, sem ninguém pra te proteger. Se entrar para o nosso programa, vai ter uma equipe inteira ao seu dispor — isso sem contar os milhões de fãs, as celebridades que assistem ao programa, as feministas da imprensa, que são vozes importantíssimas e que vão escrever artigos sobre você.” Lauren deu mais uma olhada em Bea. “Além disso, você não deixaria de fazer uma coisa que tem vontade só por causa de uns misóginos patéticos da internet, né? Isso não parece ser a sua cara.”

“E não é mesmo... mas eu não tenho certeza de que estou a fim de fazer isso.”

“Por que, Bea? Por que recusar uma oportunidade que seria tão importante para a sua carreira?”

“E se eu disser que é porque eu não confio em vocês?”, rebateu Bea. “Assisto ao programa desde a primeira temporada e já vi vocês ridicularizarem pessoas que não fizeram nada pra merecer isso. Vocês têm seus próprios objetivos e podem manipular na ilha de edição tudo o que eu fizer ou disser. Por que eu daria a vocês o poder de arruinar minha reputação?”

Lauren não conseguiu conter uma risadinha ao ouvir isso, embora Bea não visse nenhum motivo para achar aquilo engraçado.

“Desculpa”, disse Lauren. “É que estou tão acostumada a ouvir as pessoas me implorando pra aparecer na TV, em busca da fama apenas pela fama. É até bom que você esteja pensando no longo prazo. Mas escuta só, Bea, nossos interesses estão alinhados neste caso. Eu preciso dar um sopro de vida a uma marca que está perdendo força, e se transformasse você na nova cara do *É Pra Casar* não ganharia nada tentando prejudicar sua imagem. Se você topa, vai ser minha função fazer com que o país inteiro aprenda a amá-la — e isso significa capas de revistas, contratos de patrocínio, milhões de seguidores, um plano de carreira para a vida toda em troca de dois meses de filmagens.”

“Isso não me parece... tão ruim”, Bea admitiu, sentindo sua ansiedade crescer ao se dar conta de que estava

ficando sem argumentos plausíveis para uma eventual recusa.

“Então por que está hesitando tanto assim?” Lauren pôs a bebida na mesa. “Por que não me conta o que está realmente incomodando você?”

Bea olhou para aquela linda mulher que não conhecia — como confessar para Lauren as coisas que mal conseguia admitir para si mesma? Por exemplo, a ideia permanente (muitas vezes mantida em segundo plano, mas nunca descartada por completo) de que o motivo para ela nunca ter tido um namorado de verdade era que havia algum problema sério com ela, e que o sumiço de Ray era a prova definitiva disso?

“Eu não tenho um bom histórico de relacionamentos”, ela disse, cautelosa.

Lauren assentiu, sem se deixar abalar. “Você está solteira já faz um bom tempo.”

“Bom, estou sempre ocupada com o trabalho — e o mundo da moda, sabe como é. Não tem muitos caras héteros nesse meio. A não ser os que estão interessados em levar as modelos pra cama.”

“Mas você está nos apps de encontro.”

Bea estreitou os olhos: até que ponto a pesquisa de Lauren havia chegado? Ela teria agido dentro da legalidade, aliás?

Lauren deu risada, como se estivesse lendo os pensamentos de Bea. “No outono passado você postou no seu blog sobre um encontro marcado pelo Tinder.”

“Ah.” Bea ficou vermelha, se sentindo ridícula. “Pensei que vocês tivessem hackeado meu celular.”

“Não, isso eu com certeza não faria. Então a coisa não deu muito certo?”

“Você já entrou nesses apps?”

Lauren jogou para o lado os cabelos reluzentes. “Sim, só que mais pra dar umas risadas do que pra qualquer outra coisa. Eu trabalho muito, então é bom ter alguém pra me divertir quando fico entediada.”

“Então você não tem namorado?”

“E passar os únicos quinze segundos de tempo livre que tenho na semana lidando com os sentimentos de um homem que deveria saber fazer isso sozinho, pra começo de conversa? Ah, não mesmo.”

“Eu sei como é. Uma coisa seria conhecer alguém que me *fizesse* querer assumir um compromisso, mas...” Bea se interrompeu, na esperança de que isso encerraria a conversa.

“Você quer casar, aliás?”, Lauren perguntou.

“Tudo bem se eu responder que não?”

Lauren soltou uma gargalhada. “Claro! Eu não preciso que você queira casar pra fazer o programa — só precisa estar disposta a *dizer* que sim.”

“Não que esteja fora de cogitação algum dia me casar, ter filhos, família — eu quero tudo isso. Mas essa parte de namorar não está indo nada bem ultimamente, então eu meio que desencanei. Não parece o melhor momento da

minha vida pra participar de um reality show de romance, né?”

“Sabe de uma coisa?”, Lauren falou, pensativa, “acho que poderia dar muito certo.”

“Como?”, Bea se apressou em perguntar, de forma quase automática.

“A parte mais irritante do meu trabalho é lidar com a confusão sentimental das pessoas. Aquela mulherada louca atrás de um marido — você vê o programa, então sabe bem como elas são emotivas e incontroláveis. Mas se você não estiver à procura de um relacionamento no momento, isso simplifica as coisas. Você conhece os caras, se diverte com eles, conhece uns lugares incríveis, mas sempre mantendo as coisas meio que em banho-maria. Nós podemos monitorar o público, descobrir quem são os caras mais bem-vistos, e no final você escolhe seus favoritos para as viagens de fim semana, pra dizer ‘Eu te amo’ e pra ser pedida em casamento, claro.”

“Então seria tudo falso?” Bea tentou não demonstrar que estava escandalizada.

“Por que não?”, perguntou Lauren, com toda a tranquilidade.

“Porque vai ter milhões de pessoas assistindo!” Bea estava incrédula. “As pessoas não vão perceber — sabe como é, sem querer ser piegas — se eu não estiver fazendo a coisa pelos motivos certos?”

Lauren caiu na risada, se divertindo com a ingenuidade de Bea. “Me diga uma coisa. Você acha que é por

coincidência que metade dos nossos casais se separam seis semanas depois que o programa vai ao ar? Quantos dos relacionamentos que surgiram nas últimas cinco temporadas você acha que viraram um casamento de verdade?”

Quanto mais Bea pensava a respeito, mais ficava claro que ela não fazia a menor ideia.

“Bea”, falou Lauren, mais séria. “Eu sou muito boa no meu trabalho. É ótimo pra nós duas que o público se identifique com a sua história. E se você acabar mesmo encontrando alguém? Ei, melhor ainda: os especiais de casamento têm audiências altíssimas. Mas se você preferir ser cautelosa e não levar a questão do romance muito a sério, podemos muito bem ser sinceras e dizer: vamos fazer um ótimo programa de TV juntas. Vamos mostrar a este país que as mulheres plus-size merecem ser protagonistas das suas próprias narrativas. E, puta que pariu, você vai virar uma estrela de primeira grandeza. Não estou vendo nenhuma desvantagem aqui... você está?”

Pela primeira vez naquela conversa, Bea foi obrigada a admitir que não.

Na volta para casa, Bea decidiu pegar o caminho mais longo e passar por Griffith Park. Ela baixou a capota de Caco, o Carro, e percorreu as sinuosas ruas residenciais entre as colinas, onde as árvores enormes e a grama alta farfalhavam sob o vento do deserto. Em seguida ligou o rádio e pensou em como era sua vida antes de Ray. Era

melhor? Era boa, pelo menos? Ou aquela infelicidade sempre esteve lá, à espera de ser trazida à tona?

Não participar do programa parecia a opção mais segura, mas na verdade não era: era só a mais previsível. Seriam mais semanas e meses sentindo saudade de Ray, marcando encontros e cancelando tudo de última hora, sentindo que sua vida amorosa estava amaldiçoada, encarando uma luta constante para conquistar anunciantes e manter seu sustento, sem nunca poder descansar.

Bea não tinha como saber o que aconteceria se participasse do programa — se conheceria alguém maravilhoso ou se mergulharia de cabeça em um covil de serpentes, se viraria uma heroína ou uma piada. Sua única certeza era a de que, se dissesse sim, sua vida mudaria. E, no fim das contas, isso já bastava.

CONTRATO

De acordo com os termos aqui definidos, Beatrice Schumacher (aqui denominada PROTAGONISTA) se compromete a aparecer no reality show televisivo É Pra Casar (aqui denominado PROGRAMA).

A PROTAGONISTA se compromete a participar das filmagens a serem iniciadas em 2 de março e permanecer disponível por pelo menos dez semanas, com uma possível data de conclusão dos trabalhos em 20 de abril,

além de um episódio especial de reencontro, a princípio marcado para 18 de maio.

Durante as filmagens, a PROTAGONISTA deve conhecer, participar de “encontros” e por fim escolher um entre os vinte e cinco PRETENDENTES tendo em vista um relacionamento de longa duração e romanticamente satisfatório, considerando “longa duração” um período de no mínimo seis semanas após a transmissão de todos os episódios do PROGRAMA.

O trabalho de filmagens começará com um EPISÓDIO ESPECIAL DE ESTREIA AO VIVO, terá episódios transmitidos todas as segundas-feiras à noite detalhando os eventos da semana anterior e será encerrado com um EPISÓDIO FINAL em que a PROTAGONISTA escolherá um “vencedor”, com o qual estabelecerá um noivado ou compromisso similar.

A PROTAGONISTA não revelará qualquer detalhe das filmagens a nenhuma pessoa ou grupo que não participe do PROGRAMA ou trabalhe para a American Broadcasting System (aqui denominada EMISSORA), em especial representantes da mídia impressa ou digital, o que inclui revistas de entretenimento, revistas de fofoca ou “blogueiros”, até que todos os episódios tenham sido transmitidos, estando aqui determinado que qualquer interação não autorizada resultará em ação legal por

quebra de contrato e na rescisão imediata do acordo aqui celebrado.

A PROTAGONISTA se compromete a, na medida de suas possibilidades, engajar-se em uma busca profunda e entusiasmada por amor, com sinceridade total e sem quaisquer “barreiras emocionais” (mas, caso venha a vivenciar tais “barreiras”, ela deve se sentir à vontade para discutir a respeito de sua natureza e possíveis origens em detalhes com a equipe de produção), através de comunicação interpessoal ativa e, com a frequência que se mostrar necessária, contatos físicos, incluindo o nível de intimidade física que for considerado apropriado pela PROTAGONISTA e pela produção.

A PROTAGONISTA se compromete a revelar à produção quaisquer problemas que possam afetar a qualidade ou o resultado final do PROGRAMA.

A PROTAGONISTA se compromete a arcar com quaisquer prejuízos financeiros sofridos pelo PROGRAMA ou pela EMISSORA nos casos em que se derem por consequência direta de suas ações ou por uma quebra de contrato de sua parte.

A EMISSORA detém os direitos exclusivos de veiculação em primeira mão de fotografias e outros materiais relacionados a eventos futuros como Casamento e Lua de mel, bem como possíveis

Dependentes resultantes dos relacionamentos surgidos no PROGRAMA.

A PROTAGONISTA deve, se possível, encontrar um Amor Verdadeiro, com potencial para evoluir para Noivado, Casamento e Tudo Que Ela Sempre Sonhou.

Beatrice Schumacher, de acordo com este instrumento, assume o papel de PROTAGONISTA da 14ª temporada do PROGRAMA É Pra Casar.

Tendo acordado sobre os termos, assinam:

*Alyssa
Messersmith*

Vice-Presidente Sênior de Programação de Reality Shows e Documentários, American Broadcasting System.

*Beatrice
Schumacher*

Blogueira de Beleza & Estilo, proprietária das marcas OMBeaTM e OMBea.com.

Pré-produção

Los Angeles, Califórnia

———— Mensagem Encaminhada ————

De: Lauren Mathers <lmathers@kissoff.com>

Para: Bea Schumacher <bea@ombea.com>

Assunto: RE: Contrato e próximos passos

Bea! Que bom que o contrato e as questões jurídicas (blergh) já foram resolvidos, então estou mandando aqui nos anexos mais algumas coisas para você dar uma olhada: um esboço do cronograma de produção, calendários de reuniões de pré-produção com o pessoal de câmera, som, maquiagem, figurino, assessoria de imprensa e marketing, e queria que você se reunisse com algumas pessoas da produção para falar do que você gosta, de que tipo de homem nós devemos ir atrás (você pode nos dizer melhor qual é o seu tipo??) etc. Além disso, temos um acordo padrão de confidencialidade para você assinar — por favor, por favor, POR FAVOR entenda que só vamos anunciar você como a próxima protagonista cinco dias antes da estreia, então nem preciso dizer o quanto é importante que você tome cuidado para que a notícia não vaze antes

disso. O anúncio vai ser espetacular, e sinceramente eu sou capaz de matar alguém se aquele filho da puta presunçoso do Reality Stefan conseguir um furo e estragar nossa festa. Então, por favor, leve o acordo de confidencialidade a sério!! (Desculpa encher o saco com isso, mas sabe como é. É para o bem do programa!)

———— Mensagem Encaminhada ————

De: Bea Schumacher <bea@ombea.com>

Para: Lauren Mathers <lmathers@kissoff.com>

Assunto: RE: Contrato e próximos passos

Olá, Lauren! Por mim tudo bem (quer dizer, é coisa pra caramba, mas tudo bem!). Sobre o meu tipo de homem, inteligente e divertido e gentil são as coisas mais importantes, o resto é tudo opcional. E a diversidade é um fator importantíssimo pra mim, claro!! Tipo físico, cor da pele, história de vida — quero que esses homens tragam uma nova imagem ao programa, assim como eu.

O acordo de confidencialidade está assinado e anexado — e, sendo bem honesta, já contei para a minha melhor amiga Marin sobre o programa, e acho que tudo bem falar com a família, né? Vai ser uma dor de cabeça tremenda se a minha mãe não ficar sabendo disso pela minha boca. Mais uma vez obrigada, e até breve!

———— Mensagem Encaminhada ————

De: Lauren Mathers <lmathers@kissoff.com>

Para: Bea Schumacher <bea@ombea.com>

Assunto: RE: Contrato e próximos passos

Você ainda não contou pra sua mãe?? BEA!! Liga pra ela agora mesmo — e por falar nisso, me manda os contatos dela? Com certeza vamos precisar entrevistar seus pais e descobrir qual é o melhor dia pra você ir apresentar os caras pra eles.

* * *

“Mas é TV mesmo? De verdade? Dos canais que a gente tem em casa?”

A família inteira de Bea estava reunida em frente ao notebook de seu padrasto, no escritório no segundo andar da casa — sua mãe, seu padrasto, seus três irmãos, as cunhadas e a turma de sobrinhas e sobrinhos tentando arrumar um lugarzinho diante da webcam no topo do monitor.

Os três irmãos de Bea se casaram aos vinte e poucos anos, e, com a chegada do bebê de Duncan e Julia apenas um mês antes, agora todos tinham filhos. Os pais de Bea, Bob e Sue, eram ambos professores do ensino fundamental que adoravam crianças, e Sue em particular não tinha pudor em dizer que gostaria que Bea seguisse os passos dos irmãos o quanto antes. Ela tinha convicção de que o maior obstáculo para a felicidade conjugal da filha era a postura da própria Bea; havia lido um livro sobre

autossabotagem de uma autora chamada Abyssinia Stapleton, que citava para Bea com a mesma regularidade com que os pais de outras pessoas evocavam as passagens da Bíblia.

“Abyssinia diz que, quando você se sabota no amor, está cavando duas covas.”

“Mãe, essa frase é do Confúcio, e não fala de amor, e sim de vingança.”

“Não, Beatrice, nesse contexto é diferente! Abyssinia usa as covas como uma metáfora.”

“Confúcio também usou as covas como metáfora, mãe.”

“Uma cova para você, outra para o marido que você nunca vai ter.”

“Se eu nunca vou ter um marido, por que ele precisa de uma cova? Não seria um desperdício de espaço?”

“Beatrice, é por isso que é uma *metáfora*.”

A possibilidade de sua família não aprovar sua participação no programa não era nem de longe uma preocupação — na verdade, Bea temia que eles ficassem *empolgados* demais. Mas ela havia adiado aquele momento por duas semanas, e era chegada a hora de deixar a coisa vir à tona. Então, naquele domingo à noite, ela se preparou para dar a notícia por Skype durante o jantar semanal da família. Como seus irmãos e as famílias deles ainda viviam todos em Ohio, iam à casa da mãe toda semana, e Bea sempre era convidada a se juntar a eles por uns dez minutinhos em um chat por vídeo — o que podia ser um pé no saco quando ela estava viajando pela Europa

ou pela Ásia. Apesar de se irritar com isso, ela gostava de saber que sua família sempre fazia questão da presença dela.

“Então, qual é o programa?”, Jon, o irmão mais velho de Bea, perguntou cheio de expectativa.

“É, hã... O programa *É Pra Casar*. Você conhece, né? O *É Pra Casar*?” Sozinha com seu notebook e uma taça de vinho, Bea sentiu uma pontadinha de desejo de estar lá com eles. O frio em Ohio estava congelante, então Bob, seu padrasto, devia ter feito uma bela panelada de chili, e seus irmãos ficariam vendo a partida de futebol americano enquanto as esposas fofocavam e matavam algumas garrafas de Cabernet.

“Como assim, o *É Pra Casar* mesmo? O original? Você vai ser comentarista ou alguma coisa do tipo?”, perguntou Tim, o irmão do meio, estalando os dentes.

“Não”, corrigiu ela. “Eu vou ser a protagonista. A pessoa que conhece vinte e cinco pretendentes e escolhe um vencedor.”

Seus familiares ficaram perplexos, olhando uns para os outros e para o rosto de Bea no monitor, soltando risadinhas de descrença de tempos em tempos.

“Minha nossa, Bea, isso não é pouca coisa, não!” Tina, a mulher de Tim, era uma morena miudinha com luzes nos cabelos e um sotaque bastante pronunciado de Minnesota. “Você vai, tipo, *casar*?”

“Ai, meu Deus, *casar*?” A mãe de Bea se animou toda, e seu ceticismo inicial logo deu lugar à euforia.

“As pessoas casam mesmo nesse programa? É obrigatório?”

“Não, não é *no* programa, mas o noivado, sim! É esse o objetivo da coisa!”

“Isso é verdade, Bea? Você vai ficar noiva?”

“Você sabe quem são os caras? Já conheceu algum?”

“Você precisa sair com todos eles ou escolhe um logo no começo?”

“Você não vai fazer S-E-X-O na TV, né?”

“Mãe, na frente das crianças não, por favor!”

“Oi, tia Bea!!”

“Oi, JJ!” Bea acenou para o sobrinho mais velho, Jon Junior, que tinha onze anos e já era um pequeno astro da liga de futebol americano infantil, assim como o pai tinha sido muitos anos atrás.

“Então, Bea”, Jon interferiu, “isso significa que você vai ser... sabe como é...”

“O quê?”

Jon fez um gesto esquisito tremelicando os dedos. “*Famosa.*”

Carol, a mulher de Jon, deu um soco no braço dele. “Bea já é famosa! Ela tem seiscentos mil seguidores no Instagram.”

“Sim, mas ela é famosa no Instagram”, rebateu Tina. “Agora estamos falando do mundo *real.*”

“Ei, espera aí um pouquinho”, interrompeu Sue. “Nós vamos aparecer na televisão também?”

Bea soltou um suspiro. “Se vocês quiserem, sim, eu acho que sim.”

Ao ouvir isso, a família inteira começou a gritar e a bater palmas, até que uma das sobrinhas acabou batendo a cabeça na quina da mesa do computador enquanto pulava, o que causou uma comoção generalizada e o encerramento precoce da chamada sem uma despedida formal. No fim, Bea achou que a coisa toda tinha sido bem melhor do que ela esperava.

Mas, algumas horas depois, o telefone de Bea tocou. Era Bob, seu padrasto, que havia ficado a maior parte do tempo em silêncio durante a chamada em grupo.

“Olá, Bean.”

“Oi, Bop.” Bea adorava o fato de ainda usar apelidos de infância com Bob. “Já foi todo mundo pra casa?”

“Ah, sim, a coisa estava bem animada por aqui, e as crianças ficaram com as baterias arriadas rapidinho.”

“Está me dizendo que vocês não tiveram um jantar calmo e tranquilo depois que desligamos?”

“Bean, quando foi que essa família já teve um jantar calmo e tranquilo?”

“Verdade. Mas...”

“Sim?”

“Falando sério, o que todo mundo falou depois que desligamos? Eles acham que é loucura?”

“Bom, claro que é uma coisa meio maluca, né? Não é todo dia que alguém da família vira uma estrela da TV. Pra

ser sincero, acho que a Tina ficou até com um pouco de inveja.”

“Mas e você, Bop?”, Bea perguntou baixinho. “Você acha que sou louca por ter embarcado nessa?”

“Bean, você vem trilhando seu próprio caminho na vida desde que te conheci, ou seja, desde os quatro anos de idade. Sua mãe teve um ataque de pânico quando você avisou que ia fazer faculdade em Los Angeles, e depois ainda falou que ia passar um semestre inteiro na França. Você queria alçar voos altos, e é isso que está fazendo. Só que também não é uma coisa fácil.”

“Então você não acha que o país inteiro vai me odiar?”

Bob deu risada. “Este país já tomou um monte de decisões erradas — não dá pra entender o gosto dos americanos. Mas eu acho que eles vão amar você assim como todos nós amamos.”

“Rumo ao topo, então?”

“Mas sem esquecer o caminho de casa, Bean. Você vai ser um sucesso, meu feijãozinho mágico.”

Com as filmagens se aproximando, Bea começou a ser cada vez mais requisitada: reuniões com o departamento de relações públicas para ter algumas respostas prontas quando a avalanche de perguntas da imprensa chegasse, sessões de ensaio com consultores de mídia para saber responder do jeito certo, inúmeros testes de câmera com os cinegrafistas e o pessoal do figurino, da maquiagem e da iluminação, além de uma sessão de fotos marcada pela

emissora que supostamente deveria ter sido divertida, mas que se revelou bastante exaustiva.

“Pode abrir um sorriso um pouco mais largo?”, pediu Lauren. “Você está prestes a encontrar seu amor, sabe como é?”

Bea deu seu melhor para parecer felicíssima, mas quando ouviu Lauren cochichando sobre a possibilidade de “fazê-la parecer mais alegrinha na pós-produção”, percebeu que pelo visto não tinha conseguido.

Uma parte de tudo aquilo, porém, Bea adorou — o tempo que passou no departamento de figurino com sua pessoa favorita na equipe do *É Pra Casar*: Alison, uma tirana com ares sérios e objetivos, que tinha o aspecto de uma professorinha que faz cachecóis de tricô para vender na internet nas horas vagas, mas que punha seu departamento para funcionar com a eficiência de uma unidade de elite de combate ao terrorismo.

Bea estava com medo de que sua figurinista para o programa fosse uma garota típica de Hollywood, alguém que não tinha a menor noção de como vestir um corpo como o seu, mas Alison se mostrou uma surpresa no melhor dos sentidos: uma mulher lindíssima, com olhos verde-mar, cabelos cor de mel e um look maravilhoso, marcado por texturas suaves e tons terrosos. E, para completar, seu manequim era alguns números maior que o de Bea. As duas caíram na gargalhada e trocaram um longo abraço assim que se conheceram.

“Bea!” Alison riu com gosto. “Que bom conhecer você!”

“Ai, meu Deus.” Bea quase chorou de alívio. “Eu é que estou muito feliz de conhecer *você*.”

“E vai ficar ainda mais quando der uma olhada nas roupas que eu separei.” Alison sorriu. “Eu leio seu blog há anos; dá pra imaginar como estou animada com a ideia de vestir alguém que realmente entende de moda? E que se dispõe a usar, sabe como é, uma calça? Tenho umas peças ótimas pra você!”

Alison já havia inclusive entrado em contato com quase todas as marcas de alta-costura que faziam roupas plus-size e pedido para mandarem tudo o que tivessem no tamanho de Bea — vestidos Derek Lam, calças sociais Prabal Gurung e blazers Veronica Beard cujo preço de varejo era maior que o aluguel de Bea.

“Putá merda”, ela exclamou, passando os dedos pelas araras cheias de peças espetaculares, não conseguindo acreditar que tudo aquilo era para ela.

“Sei que você adora umas estampas ousadas, mas não podemos abusar dos padrões diante das câmeras. Espero que você entenda”, Alison explicou quando Bea pegou uma camisa Yigal Azrouël de cetim plissado.

“Claro”, murmurou Bea, percebendo que a camisa combinava perfeitamente com uma saia lápis rosada de renda brilhante. Aquilo era o paraíso? Será que ela estava morta?

“Geralmente nós abusamos do brilho nas festas”, continuou Alison, “mas eu me recuso a deixar você parecendo um globo de discoteca, então estou dando uma

embelezada em várias peças por conta própria.” Ela mostrou a Bea um vestido longo Dima Ayad no qual havia bordado à mão apliques de renda no busto.

“Isso é tão lindo”, derreteu-se Bea. “Tem uma vibe meio Thierry Mugler nos anos noventa.”

“Era exatamente isso que eu queria! Também quero fazer vários figurinos numa linha meio *boudoir*, pra você se sentir sexy e passar essa mesma imagem pro país inteiro.”

“E quando o programa terminar...” Bea não conseguiu criar coragem para completar a pergunta.

Alison sorriu. “Você pode ficar com tudo.”

Depois de passar tanto tempo com Alison, experimentando tantas coisas incríveis e se sentindo linda como nunca, Bea quase chegou a acreditar que encarar a imprensa — o que aconteceria em menos de uma semana — seria uma experiência tão confortável quanto vestir a jaqueta de couro branca Lafayette 148 que ela passou a querer usar todos os dias pelo resto da vida.

Em geral, a protagonista de *É Pra Casar* era anunciada antes das filmagens, e os pretendentes a marido, quando se candidatavam, sabiam quem era a pessoa que tentariam conquistar. Mas naquela temporada seria diferente: além de os pretendentes não saberem quem era a protagonista, Lauren os deixaria isolados e sem acesso a nenhum tipo de mídia por cinco dias antes do início das filmagens — quando a participação de Bea seria enfim revelada ao público. Ou seja, Bea e seus pretendentes se veriam pela

primeiríssima vez no episódio ao vivo de estreia do programa.

“Você não acha que isso é meio arriscado?”, Bea perguntou para Lauren, com a ansiedade martelando seus nervos já à flor da pele.

“A gente quer que eles cheguem sem saber o que esperar — com a mente aberta”, explicou Lauren. As duas estavam percorrendo aquele que em breve seria o quarto de Bea na Mansão Pra Casar, uma casa luxuosíssima com vista para a praia de Malibu. Bea detestava aquele tipo de mobília padronizada saída diretamente do catálogo da Pier 1, mas não havia como negar que a vista para o Pacífico era deslumbrante. Ela tentou imaginar como seria estar ali ao lado de um homem, olhando para o horizonte, trocando beijos ao som das ondas, sentindo as mãos dele em suas costas. Por mais que tentasse, não conseguia imaginar ninguém além de Ray.

“A questão é que vamos antecipar algumas ações de imprensa”, continuou Lauren, “e não queremos que os pretendentes saibam de nada. Nós achamos que o balanço final vai ser extremamente positivo, mas com certeza vai ter, sabe como é... alguma *polêmica*.”

“O que é parte do motivo pra você ter me escalado. Polêmica atrai atenção.”

“Nossa audiência vai ser gigantesca.” Lauren abriu um sorriso malicioso para Bea. “Mas não quero que você se preocupe muito com o que as pessoas vão dizer a seu respeito — elas que falem o que quiserem. Quando der

uma olhada no seu extrato bancário, você vai rir por último.”

“Com certeza”, concordou Bea, demonstrando mais convicção do que tinha na realidade. “Além disso, não vai ser nada que eu já não tenha ouvido mil vezes antes.”

Lauren assentiu para Bea em um gesto solidário. “Então, eu vou fazer tudo o que puder pra que o lance com a imprensa se dê da melhor forma possível pra você. Vamos dar uma exclusiva pra *People* — você vai sair na capa —, o que vai ser uma tremenda exposição, e a matéria vai aparecer no site logo cedo na quarta-feira. Aí você vai direto pro *Good Morning, USA!* pra sua primeira entrevista ao vivo, e depois tem três dias lotados de compromissos antes de ir se preparar para a estreia. Vai ser cansativo, mas os próximos dois meses de filmagem também vão ser. Você dá conta, né?”

“Claro.” Bea olhou bem nos olhos de Lauren. “É pra isso que vocês estão me pagando.”

A sessão de fotos para a *People* ocorreu sem incidentes. Eles fotografaram Bea em um vestido Marina Rinaldi maravilhoso, preto com um decote profundo em formato de coração e mangas longas feitas de malha transparente com estampa de bolinhas. Com os cabelos de Bea presos em um coque enorme (e cílios postiços quase tão grandes quanto), seu visual ficou uma mistura de Jackie Onassis com Andy Warhol. Depois veio a entrevista, e a repórter escolhida, uma garota de vinte e poucos anos toda entusiasmada chamada Sheena, fez grandes elogios ao

comprometimento de Bea com a positividade corporal, tanto em relação a si mesma como a toda sua legião de fãs.

“Acho que você está sendo *tão* corajosa.”

“Obrigada, Sheena, eu agradeço. Mas acho que a gente não precisa exagerar... Eu vou participar de um reality show de romance, não estou indo pra guerra nem nada.”

“Ah, e é humilde também?? Nossa, Bea, você é *perfeita*. Mas, falando sério, você está nervosa?”, ela perguntou, se curvando mais para perto e adotando um tom conspiratório. “Eu ficaria *muito* nervosa no seu lugar... se relacionar com vinte e cinco homens ao mesmo tempo é pressão demais!”

“Sinceramente? Sim, claro que eu estou nervosa — quem não ficaria?”

“Você pode me falar especificamente sobre o que te deixa mais ansiosa?”

Que todos os homens que ela conhecesse a fizessem se lembrar de Ray? Que nenhum fosse capaz de se comparar a ele? Que todo mundo percebesse que seus flertes eram de mentira e a chamassem de hipócrita e interesseira? Que o motivo que a impedira de ter um relacionamento sério em seus trinta anos de vida, fosse qual fosse, acabasse exposto em rede nacional?

“Acho que tudo tem dois lados, na verdade”, respondeu Bea, cautelosa. “Um programa como esse é uma oportunidade incrível de criar uma conexão profunda com alguém, mas também pode acontecer de não rolar

aquela química especial. Acho que todo mundo entra no *É Pra Casar* com a melhor das intenções, mas no fim são só vinte e cinco caras entre bilhões de pessoas no mundo, né? Quero manter a cabeça e o coração abertos pra possibilidade de casar com um deles, e é assim que estou pensando no momento. Mas também quero ser realista: todos nós somos humanos, e pessoas são complicadas. A vida não costuma ser um conto de fadas, nem mesmo em um programa criado pra ser um.”

“Qual era o conto de fadas de que você mais gostava quando era criança? Com qual princesa você se identifica?”

“Por acaso existe alguma princesa gorda e eu não fiquei sabendo?” Bea deu risada. “Não, mesmo quando eu era criança, esse lance de princesa não era muito a minha praia. O que meu padrasto lia sempre pra mim era *João e o pé de feijão*; era a minha história favorita.”

“Então você gosta mais de aventura do que de romance?”

“O gosto pelo romance eu desenvolvi um pouco mais tarde... Li *E o vento levou...* tantas vezes que as páginas até começaram a cair do livro.”

“E agora você está procurando seu Rhett da vida real!”

“Espero que não seja alguém que esteja lucrando com alguma guerra, mas sempre gostei do fato de Scarlett e Rhett serem tão perfeitos um pro outro. A mesma intensidade, a mesma tenacidade, o mesmo intelecto... espero encontrar tudo isso em um parceiro.”

“Muito bem, Bea”, Sheena disse enquanto erguia sua taça de água com gás em um brinde, “que você encontre seu Rhett no *É Pra Casar*, em vez de passar o tempo todo sofrendo por um cara que está em outra!”

Bea até engasgou com seu chá gelado. “Como assim?”

“Ah, você sabe, aquele lance da Scarlett ser obcecada pelo Ashley Wilkes, apesar de ele ser casado...” Sheena fingiu um sotaque sulista horroroso antes de acrescentar: “Oh, Ashley! Ashley!”.

Bea fez de tudo para que sua risada soasse natural, mas não chegou nem perto de conseguir.

Três dias depois, antes do nascer do sol da manhã do grande anúncio, Bea estava em um quarto de hotel chiquérrimo em Manhattan, andando de um lado para outro e repassando pela milionésima vez as respostas que tinha ensaiado.

“Eu me sinto muito grata por essa oportunidade. Sempre coloquei minha carreira em primeiro lugar, e é muito legal ter a chance de me concentrar no amor. É o máximo, realmente incrível. Estou animada, muito animada.” Ela respirou fundo para se controlar, mas aquele estado de nervosismo era diferente de tudo o que já havia experimentado antes.

Ela recebera a foto da capa da *People* na noite anterior. Achou que estava bem bonita, e a manchete esbanjava ousadia e confiança: “Por acaso existe alguma princesa gorda e eu não fiquei sabendo?” A nova protagonista do *É*

Pra Casar redefine os contos de fadas!”. Bea precisava postar em todas as suas redes sociais a foto e o link para a entrevista assim que estivesse no ar, em uma ação conjunta que incluiria o pessoal da *People* e da ABS. Tudo isso tinha sido aprovado com antecedência com a coordenação dos executivos das corporações envolvidas, o que incluía a equipe de mídias sociais da ABS — que, para o pavor de Bea, agora tinha todas as suas senhas.

Diversas horas haviam sido investidas na elaboração de um cronograma de conteúdos pré-aprovados para a equipe postar enquanto Bea participava das filmagens, sem acesso nenhum à internet. Mas o primeiro post, o do anúncio, com certeza o de maior repercussão de sua vida, Bea quis fazer com suas próprias mãos. Parecia uma coisa necessária: dar a notícia pessoalmente significaria pelo menos um mínimo de controle sobre aquele terremoto que abalaria sua vida.

Então, exatamente às cinco da manhã de quarta-feira, 26 de fevereiro, quando a entrevista da *People* entrou no ar, Bea se sentou diante de seu notebook — que em breve seria confiscado —, fechou os olhos e postou.

@OMBea Animadíssima por ser a protagonista da nova temporada do @PraCasarABS! Leiam tudo na @People desta semana. Mal posso esperar pra começar essa jornada incrível.

@CounselourKaruna aaaaaahhh QUE INCRÍVEL PARABÉNS BEA!!!!

@DearJohn01209 Eu não entendo. Literalmente todas as outras mulheres do país já são casadas?

@Bucky909 isso significa que a gente vai ser obrigado a ver o #PraCasar esse ano?? Quantas emoções conflitantes!

@weaver77 se eu fosse solteiro e tivesse a aparência dela não faria ninguém perder tempo e me mataria logo de uma vez

@HetToToe @weaver77 ela nem precisa se matar vai ter um ataque do coração assim que começar a transar

@weaver77 @HetToToe sendo assim acho que ela não corre perigo

@LondonReb Bea, você é um exemplo incrível de pessoa! Que bom que isso esteja acontecendo com você!

@Delaney333 Uau Bea parabéns por ter desistido de tudo aquilo em que acredita e ter se vendido pras pessoas que fazem as mulheres se sentirem incompletas sem um homem! Espero que seja divertido!!!!

@SSSSSScooter essa mina é burra ou é cega, porque tá na cara que ninguém vai querer nada com ela

@halpmeout772 @SSSSSScooter sei lá é melhor amarrar na cama e pegar à força assim você não precisa ouvir as merdas que ela fala

@SSSSSScooter @halpmeout772 não precisa nem pegar à força pq essa daí não tá em condições de dizer não pra ninguém

@halpmeout772 @SSSSSScooter essa é a melhor parte de pegar gordas, elas topam qualquer parada na boa

**É PRA CASAR ESCALA SUA PRIMEIRA PROTAGONISTA
PLUS-SIZE,
E NÓS DAMOS O MAIOR APOIO!**
por Sonia Sarsour, teenvogue.com

A próxima protagonista do *É Pra Casar* é a blogueira plus-size Bea Schumacher, e a internet está pirando. Depois de uma década escolhendo garotas de manequim 34, e que ainda perdem mais quatro quilos antes de entrar no programa (Elas fazem raspagem de cartilagem? De *onde* sai esse peso perdido?!), finalmente veremos uma mulher que se parece com alguém que pessoas de fora de Hollywood conhecem no dia a dia — e algumas das principais estrelas de Hollywood acharam o máximo:

@TheEllenShow Amor é amor, não importa o gênero nem o tamanho. Torcendo por você, @ombea!

@JameelaJamil Puta merda, sério que NUNCA escalaram uma plus-size antes??? JÁ TAVA NA HORA, @PRACASARABS! Parabéns @ombea por quebrar uma barreira que não deveria nem existir!

@ChrisEvans81 espera aí a Bea é solteira? NÃO ENTRA NO PROGRAMA BEA LIGA PRA MIM

Como a hashtag #LigaProChris entrou nos trending topics, se as coisas não derem muito certo para Bea no *É Pra Casar* ela pode ter um ótimo plano B! Dito isso, desejamos tudo de bom para ela em sua jornada — a temporada estreia com um episódio ao vivo na noite de segunda-feira, e nós achamos que vai ser *imperdível*. Parabéns, Bea, e continue brilhando!

BEA SCHUMACHER: UM PÉSSIMO EXEMPLO PARA MULHERES E MENINAS?

por Kiki Zaretsky, healthywomen.com

A blogueira plus-size Bea Schumacher é a mais nova estrela do programa *É Pra Casar* e, embora muita gente esteja comemorando, esta mãe aqui está preocupada. A obesidade infantil afeta mais de um quinto dos adolescentes americanos — é uma crise de saúde que se tornou uma causa célebre para figuras notáveis, de Beyoncé a Michelle Obama. Nunca é legal julgar as

pessoas pela aparência, é verdade, mas precisamos discutir seriamente se essa tal “positividade corporal” não está, na verdade, promovendo um comportamento pouco saudável entre os nossos filhos.

Vamos analisar os fatos: Bea Schumacher é obesa, e a obesidade é cientificamente associada a mais de sessenta doenças. Nestes tempos em que nosso sistema de saúde já está sobrecarregado, deveríamos incentivar os americanos a comer de forma *mais* saudável e praticar *mais* exercícios físicos. Quando dizemos às pessoas gordas que elas são lindas exatamente do jeito que são, na prática estamos nos abstendo de cuidar da saúde delas — e se existe gente que acha que isso é O.K., eu certamente não acho!

Uma coisa é a ABS escolher um elenco mais diverso para seus programas (eu adorei o primeiro *É Pra Casar* latino no ano passado!), mas dizer a milhões de espectadores que tudo bem colocar sua saúde em risco é outra conversa. A ABS deveria repensar a escalação de Bea Schumacher como protagonista do programa e assumir o compromisso de promover um futuro saudável para nossas crianças.

**BEA SCHUMACHER ESTÁ FAZENDO
O FEMINISMO RETROCEDER CINQUENTA ANOS**
por Jess Tilovi, jezebel.com

Esta semana, parece que nenhum recanto da internet ficou a salvo da consternação ou da bajulação com o

fato de Bea Schumacher ter sido escalada como a nova protagonista do lixo televisivo *É Pra Casar*.

Sério mesmo? Nós vamos *de verdade* tratar isso como um AVANÇO?

Durante décadas e décadas, o movimento feminista implorou, argumentou e insistiu para que as mulheres fossem vistas como seres humanos (e não como objetos sexuais), e finalmente estamos fazendo algum progresso: pela primeira vez, mais de cem parlamentares da Câmara são mulheres. Na esteira do movimento #MeToo, estamos recuperando a autonomia sobre nossas personalidades e nossos corpos. As ativistas gordas enfrentam um preconceito imenso na luta em prol de direitos humanos fundamentais para a comunidade plus-size, como o acesso irrestrito a serviços de saúde.

Bea Schumacher não está envolvida em nada disso. Ela só reforça a velha e desgastada narrativa que tenta ditar o que as mulheres são e devem ser:

- 1) Ela é uma blogueira de moda que pensa que nós, mulheres, devemos gastar nosso tempo e nosso dinheiro nos embelezando de acordo com os padrões exigidos pelo olhar masculino. (Desculpa, mas o fato de ser plus-size não torna isso nem um pouco subversivo.)
- 2) Ela vai participar de um programa que faz questão de afirmar que o principal objetivo da

existência de uma mulher é encontrar um marido e engravidar dele. Estou fora dessa!

Que o resto da internet trate de tentar se convencer de que isso é um avanço para as mulheres. Eu vou continuar tratando essa coisa toda exatamente como ela é: a mesma merda patriarcal de sempre apresentada em uma novíssima embalagem plus-size.

O GORDAPOCALIPSE ESTÁ ENTRE NÓS
por Anders Bernard, mondaymorningqb.com

Olhando para trás, dava para ver o que estava a caminho.

O primeiro sinal do gordarmagedom foi Ashley Graham na capa da *Sports Illustrated*. E a gente pensou: tá, ela é gorda. Mas eu pegava mesmo assim. O corpo dela é todo proporcional, parece uma Kardashian com enchimentos. Ninguém imaginava que seria o começo do fim.

Então a Rihanna engordou. E a Taylor Swift também. Aquela gorda do *This Is Us* ganhou uma nomeação ao Emmy — e esse foi o momento em que a coisa inflou de vez. A mensagem para as mulheres era bem clara: você não precisa ir à academia, coma um sanduíche em vez disso! É mais fácil, e quem precisa se esforçar para ter um corpo que caiba num biquíni se dá para comprar um de tamanho GGG? E daí que você vai morrer aos

sessenta anos, o negócio é se entupir de carboidratos mesmo!

Dessa vez, a “blogueira plus-size” Bea Schumacher vai ser a nova estrela do *É Pra Casar*. Se você não sabe quem ela é, imagine uma leitoa criada para engorda que acha que pode andar de regatinha por aí. E nós, os telespectadores americanos, somos obrigados a acreditar que 25 homens vão competir para *casar* com uma criatura assim. *Reality show*? Até parece. Não existe nenhum homem neste país que consiga ficar bêbado o suficiente para trepar com essa mulher, muito menos fazer um pedido de casamento — e a não ser que a ABS tenha descoberto uma seita secreta de adoradores de banha em algum pântano num fim de mundo qualquer, vai ser difícil achar 25 caras dispostos a isso.

Eu sei o que você está pensando: os homens não veem esse programa, então que diferença faz se a fulana é gorda ou magra? A questão é a seguinte: dizer que as mulheres podem chegar a esse estado e que, mesmo assim, vai ter caras babando por elas é uma mentira perigosa. Isso não é bom para elas, não é bom para nós e, se não ficarmos espertos, o gordapocalipse vai destruir a nossa vida.

* * *

“Você *precisa* ligar pro Chris Evans! Ele tem a bunda mais bonita do país, tipo, oficialmente”, Marin insistiu enquanto comia um triste sanduíche de peito de peru em

um triste estúdio secundário na sede da ABS em L.A. Lauren havia permitido uma última refeição a Bea com sua amiga antes de que se isolasse totalmente para as filmagens, um favor pelo qual ela seria eternamente grata, apesar de a comida em si deixar a desejar.

“Que ideia mais ridícula”, Bea disse, em meio a uma risada. “Como eu conseguiria o número dele?”

“Manda uma mensagem direta, e aí é só conquistar o coraçãozinho dele. Até parece que você não nasceu na era da internet.”

“Ótimo plano, mas pra isso eu precisaria esperar até devolverem o meu celular.”

“Argh”, suspirou Marin, se esparramando toda extravagante na cadeira dobrável onde estava sentada. Com seu pouco mais de um metro e meio, seu corpo magro e seu cabelo curtinho chiquérrimo, Marin não era uma figura intimidadora, mas enfrentava qualquer um que cruzasse seu caminho (e o de Bea também, aliás). “Não acredito que você tá sem celular faz três dias. Não tá se sentindo tipo uma pioneira do Velho Oeste? Você tá com febre tifoide? Foi devorada por um urso?”

“Estou quase lá”, respondeu Bea em tom grave, mas havia um fundo de verdade em sua brincadeira. Depois de três dias seguidos de entrevistas, ela estava absolutamente exausta, e sabia que as coisas poderiam ficar piores quando as filmagens começassem.

“E então?”, Marin perguntou, percebendo o estado de ânimo abalado de Bea. “Como está se sentindo? Algum

arrependimento?”

Bea fez que não com a cabeça. “Não, na verdade não. Acho que... enfim, passei boa parte do último mês e meio me preparando pra esse bombardeio em público, e agora que acabou é tipo... uau. Ainda nem parei pra pensar no que estou prestes a fazer, sabe?”

“Sim, mas agora vem a parte mais legal! Minha nossa, Bea, você pode conhecer o seu futuro marido amanhã à noite. Não é uma loucura?”

“É, sim, Marin.” Bea sacudiu a cabeça. “É uma loucura. Só que não vai acontecer.”

Marin abriu um sorriso de quem sabe das coisas. “Você diz isso agora, mas aposto que, quando conhecer os caras, vai perceber que está dando uma de tonta. Vai se lembrar do quanto você quer se apaixonar.”

“Duvido.” Bea revirou os olhos. “Sei que você não concorda, mas confia em mim: Lauren e eu já cuidamos disso. Tá tudo planejado. Estou pronta pro jogo.”

Marin caiu na gargalhada. “Desculpa, mas você vai conhecer vinte e cinco caras na frente das câmeras. Como alguém pode estar pronta pra isso que você está prestes a encarar?”

Episódio 1
“Hora do show”
(25 pretendentes restantes)

*Filmado e exibido ao vivo em locação
em Malibu, Califórnia*

TRANSCRIÇÃO DO PODCAST *BOOB TUBE*
EPISÓDIO #049

Cat: Olá, aqui é a Cat!

Ruby: E aqui é a Ruby.

Cat: E esse é o *Boob Tube*, o podcast semanal em que a gente comenta como as mulheres são retratadas na televisão.

Ruby: Essa semana estamos empolgadíssimas pra conversar com nossa convidada Ane Crabtree, que faz os figurinos incríveis da série *O Conto da Aia*. Vamos falar com Ane sobre o corpo feminino e sobre como as mulheres são retratadas em uma sociedade que é ao mesmo tempo ultraconservadora e, à sua própria maneira, hipersexualizada.

Cat: Vai ser um papo ótimo, então não percam, mas antes eu tenho uma confissão a fazer.

Ruby: E das mais cabeludas.

Cat: Com certeza quem ouve a gente já sabe que eu gosto na mesma medida de coisas mais sofisticadas e de coisas mais populares.

Ruby: Você gosta de tudo que se pareça remotamente com fanfics sobre a realeza britânica.

Cat: É a minha criptonita! Será que dá pra chamar de briptonita?

Ruby: Não, não dá.

Cat: Certo. Mas vocês já devem saber que eu sou uma fã de longa data e uma telespectadora fiel do reality show de romance *É Pra Casar*.

Ruby: Acho inclusive que você já participou de vários bolões envolvendo esse programa.

Cat: Se com “participou” você quis dizer “ganhou”, então sim, com certeza.

Ruby: E mesmo assim a gente nunca falou sobre isso no podcast!

Cat: Bom, tenho certeza de que muita gente vai ficar chocada ao ouvir isso, mas o *É Pra Casar* não é exatamente um símbolo de representação positiva das mulheres na televisão.

Ruby: Não diga!

Cat: Pois é. Mas hoje é a estreia da nova temporada, e este ano o *É Pra Casar* está levantando uma das questões mais interessantes sobre autoimagem que eu já vi na TV. E talvez da forma mais antiética possível, aliás! Porque, pela primeira vez, uma mulher plus-size vai ser a protagonista do programa.

Ruby: Uau. Nossa.

Cat: Sim, como se a ideia de que uma mulher que não seja um palito queira encontrar alguém fosse polêmica de alguma forma. Mas enfim, o nome dela é Bea Schumacher, uma das blogueiras plus-size mais famosas da internet. Ainda que a Bea seja bastante parecida com muitas mulheres americanas, não é muito comum ver alguém como ela na televisão, e é quase impossível que alguém com o tipo físico dela seja retratada como a mocinha, e não a amiga ou a mãe da protagonista.

Ruby: Ah, sim, e é aí que entra a tal polêmica: se a Bea fosse só a melhor amiga da protagonista, que aparece pra dar uns conselhos ou coisa do tipo, ninguém falaria nada.

Cat: Bom, as pessoas ainda fariam coisas horrorosas sobre ela na internet, porque tem um monte de gente que considera a simples existência de uma mulher gorda uma coisa revoltante.

Ruby: Claro, citando as palavras imortais da Taylor Swift:
haters gonna hate...

Cat: Acho que essa frase não é dela.

Ruby: Pois é, como eu dizia...

Cat: Enfim, outro ponto é como a questão de gênero vai ser abordada nessa temporada, porque a gente ainda não sabe se os pretendentes a marido de Bea também vão ser plus-size.

Ruby: Ah, isso aí é interessante! Os homens também são chamados de “plus-size”? Isso existe?

Cat: Tecnicamente, sim, mas não é uma coisa que a gente escute muito por aí — a sociedade não vê muita necessidade de dividir os homens por tipo físico, como faz com as mulheres. A questão é que tem um monte de perguntas no ar sobre como essa temporada vai ser, e eu, pelo menos, estou muito a fim de assistir, mas também estou com medo do que os produtores possam aprontar.

Ruby: Sim, porque, por um lado, existe o potencial de um programa bastante convencional trazer algo bem subversivo, mas, por outro, estamos falando de um reality show! A gente acha mesmo que eles vão fazer uma coisa feminista e empoderadora, ou será que no

fim só vão explorar e humilhar essa mulher em troca de audiência? O que parece ser mais provável?

Cat: O único jeito de descobrir é vendo o episódio de estreia hoje na ABS, o que eu com certeza vou fazer. Ruby, será que eu convenci você a dar uma chance pro programa também?

Ruby: Bom, agora acabou rolando um investimento emocional da minha parte, então acho que vou assistir ao episódio de hoje pra ver o que acontece. E por falar em investimento, está na hora de falar do nosso patrocinador de hoje, LadyVest, que, não, não se trata de uma loja de roupas inspiradas nas lésbicas dos anos noventa. O LadyVest é um serviço online que ajuda as mulheres a investir seu dinheiro e conquistar sua independência financeira, o que, a julgar pelo que vemos em *O Conto da Aia*, é uma coisa fundamental. Acesse LadyVest.com/boob — B-O-O-B — para ganhar uma consultoria grátis e conhecer melhor o serviço. Nós voltamos depois do intervalo.

———— Mensagem Encaminhada ————

De: Beth Malone <btmalone@gmail.com>

Para: É Pra Shipar <prashipar@googlegroups.com>

Assunto: É HOJE!

Oi, pessoal! Como vocês sabem, hoje é a estreia da nova temporada do *É Pra Casar*, então quem ainda não se cadastrou no bolão FAÇA ISSO AGORA ou não vai participar da competição este ano. Colin, faz três anos que você diz que quer entrar no bolão, mas nunca se cadastra a tempo, então se não fizer isso este ano vai ter seu e-mail removido da lista, certo?

Para quem é novo no grupo (oi, Jenna!), funciona assim: primeiro você precisa se cadastrar no PalpitesPraCasar.com antes das oito da noite de hoje — é só clicar no convite do bolão que enviei semana passada, escolher um nome de usuário e pronto. Depois disso, você vai ter até as oito horas da PRÓXIMA segunda pra preencher o bolão com seus palpites pra TEMPORADA TODA. Então é bom assistir com atenção hoje, conhecer os caras e tentar adivinhar quem vai ser eliminado a cada semana e quem vai ser o ganhador! Os palpites NÃO SERÃO aceitos depois que o episódio 2 for pro ar, então, de novo, Colin, se não preencher o bolão até a semana que vem, você vai ficar mais uma temporada sem participar. Nem eu, como organizadora, tenho como mudar isso, porque é assim que o site funciona, certo?

Certo! Espero que esteja todo mundo tão animado quanto eu pra essa nova temporada!

Beijinhos, Beth

P.S.: Vocês ouviram a Cat falar sobre o nosso bolão no podcast dela hoje?? Estamos famosos!

———— Mensagem Encaminhada ————

De: Colin Whitman <cwhit7784@gmail.com>

Para: Beth Malone <btmalone@gmail.com>

Assunto: Re: É HOJE!

Minha nossa, Beth, eu me cadastrei no bolão, tá satisfeita agora? É você que é maluca por esse programa idiota, não eu.

———— Mensagem Encaminhada ————

De: Beth Malone <btmalone@gmail.com>

Para: Colin Whitman <cwhit7784@gmail.com>

Assunto: Re: É HOJE!

Sim, Colin, *agora* eu estou satisfeita. Obrigada!

———— Mensagem Encaminhada ————

De: Ray Moretti <rmoretti@gmail.com>

Para: Bea Schumacher <bea@ombea.com>

Assunto: uau

Então você está na capa da *People*. E vai procurar um marido na TV? O que está acontecendo, Bea?

Sei que não respondi os seus e-mails, desculpa, foi mal. Mas é que eu estou precisando me esforçar muito

para não pensar em você, o que é uma missão impossível por si só, e agora ainda vejo seu rosto na internet inteira, e na TV, e até na fila do supermercado... Sei lá. Não sei o que fazer.

Você está linda, aliás. Mas já deve saber disso. Espero que saiba. Quando vejo aqueles babacas falando sobre você, tenho vontade de matar um por um.

Desculpa, sei que não estou me expressando muito bem aqui. Você é uma das pessoas mais importantes da minha vida, Bea. Quando minha mãe ficou doente, foi você que me ajudou a segurar a barra. Sempre que acontece uma coisa boa na minha vida, ou uma coisa ruim, é sempre com você que sinto vontade de conversar. Eu amo a Sarah, de verdade. Quero casar com ela. Ou, sei lá, eu achava que sim. Mas agora, vendo seu rosto por toda parte... não sei. A gente pode conversar, Bea? Eu queria muito conversar.

———— Mensagem Encaminhada ————

De: Bea Schumacher <bea@ombea.com>

Para: Ray Moretti <rmoretti@gmail.com>

Assunto: RESPOSTA AUTOMÁTICA re: uau

Olá! Por mais estranho que seja dizer isso, eu estou gravando um programa de TV e estou sem acesso a celular, e-mail e redes sociais (e provavelmente também à luz do sol). Para assuntos profissionais, você pode entrar em contato com minha agente, Olivia Smythson

(smythson.olivia@theagency.com). Se for um assunto pessoal (ou uma ameaça de morte horrorosa!!), espero ter acesso à minha caixa de e-mails e responder à sua mensagem quando as filmagens terminarem, no fim de abril.

Tenha um ótimo dia!

* * *

“O que você acha?”

Bea estava diante de um espelho enorme na sala de figurino, onde Alison a vestira com um macacão azul-marinho Zac Posen de mangas compridas, mais largo nas pernas, com gola com babados e um decote profundo, todo bordado com fios cor de cobre, prateados e dourados; ela estava reluzindo como uma galáxia. Com uma maquiagem suave e romântica (e uma camada de pancake grossa o suficiente para resistir às luzes intensas de estúdio e às câmeras de alta definição) e os cabelos soltos em cachos ondulantes, Bea quase se sentia como a estrela de TV que estava prestes a se tornar.

“Você tem mãos de fada”, ela falou, quase sem fôlego, e Alison abriu um sorriso.

“Muito bem!” Lauren bateu palmas e entrou com passos apressados. “Vejam nossa protagonista.”

Bea deu uma voltinha para Lauren, que sorriu em sinal de aprovação. “Perfeito!”

Lauren estava pronta para a ação com seu look de costume: calça jeans skinny, camiseta branca, blazer preto

e sapato de salto alto, com os cabelos ruivos presos em um rabo de cavalo perfeito.

“Está pronta?”, ela perguntou a Bea. “Hora de ir pro set!”

“O que acontece se eu disser que não?” O coração de Bea disparou quando ela se deu conta de que aquilo estava mesmo acontecendo. Por acaso ela estava em um momento de total insanidade quando disse sim? E se aquela aventura terminasse em um desastre irreparável?

“Vai ser moleza”, Lauren garantiu a Bea enquanto a guiava para o estúdio improvisado que a equipe técnica montara no gramado na frente da mansão. “Eu sei que é a primeira vez que você faz algo assim, mas é a minha quinta temporada no comando do programa e Johnny consegue apresentar o *É Pra Casar* até dormindo.”

O apresentador do *É Pra Casar*, Johnny Ducey, era um ex-galã adolescente (que havia arrasado corações na fantasia com toques shakespearianos *E se o Lobisomem?*). Depois de várias crises (públicas) envolvendo dependência química e subsequentes internações para reabilitação, encontrou seu lugar no trabalho lucrativo e nada desafiador que fazia no *É Pra Casar*, onde, segundo boatos, mais de uma vez acabou indo para a cama com participantes do sexo feminino. Tendo visto Johnny, ao longo de muitos anos, conduzir entrevistas com todo tipo de estrelas de reality shows, era uma loucura para Bea pensar que, em questão de minutos, ela é que estaria diante dele.

“Vamos repassar o cronograma mais uma vez”, continuou Lauren. “A Parte 1 é o vídeo apresentando você para os espectadores, daí vem sua entrevista com Johnny — são oito minutos no total. E então vamos para os comerciais...”

“Depois entram os cinco primeiros homens”, interrompeu Bea, recitando a planilha que havia memorizado. “Mais um intervalo, outros cinco homens, mais um intervalo, e assim por diante até eu ter conhecido os vinte e cinco. Depois vão todos pôr fones com cancelamento de ruído nos ouvidos enquanto falo o que achei deles, e então é a minha vez de pôr os fones pra que eles falem o que acharam de mim.”

Bea fez uma pausa para tentar conter a náusea que sentia — por que exatamente havia concordado em deixar um monte de desconhecidos julgá-la ao vivo em rede nacional?

“Tem certeza de que eles são do tipo que eu pedi?”, perguntou a Lauren. “Em termos de diversidade, inteligência, mente aberta?”

“Bea, *com certeza.*” Lauren apertou o braço de Bea. “Tem alguns vilões no meio — afinal, isso aqui ainda é um programa de TV —, mas não quero que você se preocupe. Você vai se divertir muito com esses caras.”

“Mas e se eles não quiserem se divertir comigo?” Bea ficou com muita raiva de si mesma por deixar suas inseguranças transparecerem desse jeito, só que, quanto mais se aproximavam do momento de ir ao ar, mais a

ansiedade tomava conta. “E se eles me detestarem, e o público também?”

“Prometo que isso não vai acontecer”, Lauren a tranquilizou. “Elaborei um plano exatamente para garantir que o país inteiro torça por você.”

“Um plano?” Bea se mostrou cética. “Que tipo de plano? Por que eu não estou sabendo disso?”

“Porque eu preciso que as câmeras capturem reações sinceras da sua parte!” Lauren sorriu. “Não se preocupa, tá bom? Eu vou cuidar de tudo, Bea. Todo mundo aqui está do seu lado.”

“Se você está dizendo”, Bea resmungou, mas ainda achava difícil acreditar que tudo funcionaria à perfeição, como Lauren dizia.

Elas chegaram à entrada da mansão: o gramado diante da porta havia sido transformado em um estúdio provisório, com palco, uma parede de luzes e câmeras montadas por toda parte, além de uma plateia de uma centena de fãs de *É Pra Casar* que haviam ganhado em um concurso no Instagram o privilégio de estar lá, e cujas conversas animadas Bea conseguia ouvir do outro lado da porta, por cima dos zumbidos dos geradores que forneciam eletricidade para pôr tudo aquilo em operação.

“Oi, Bea.” Mack, um cara barbudo da equipe de som de cinquenta e poucos anos de idade, chegou para instalar o microfone de Bea. “Está pronta?”

Bea assentiu, se sentindo cada vez menos preparada.

“Onde os caras estão agora?”, ela perguntou a Lauren quando Mack pôs a caixa do microfone em um bolso especial que Alison tinha costurado nas costas do macacão.

“Em um trailer lá fora.” Lauren fez uma pausa para ouvir alguma coisa que diziam em seu fone. “Certo, Bea, nós entramos no ar em cinco minutos — preciso ir lá para a sala de controle. Como está se sentindo? Você está bem?”

Bea abriu a boca para falar alguma coisa — qualquer coisa —, mas não encontrou palavras. Lauren deu risada.

“Sim, eu sei, não é fácil. Mas você vai arrasar, tá bom? É só aparecer lá e ser você mesma, com toda a confiança e ousadia que já tem. Caso não consiga, é só sorrir e dizer que está disposta a encontrar um amor.”

Bea se viu obrigada a concordar com Lauren, e então a produtora se foi.

“Bea, você pode falar alguma coisa? Preciso testar seu microfone.”

“O que eu preciso falar?”, ela perguntou para Mack. Ele abriu um sorriso gentil.

“Diga que você está empolgadíssima pro programa de hoje.”

Bea sabia que era isso o que ela precisava dizer: que estava animada para conhecer seu futuro marido, mas não queria mentir — pelo menos não quando as câmeras não estivessem por perto.

“Estou empolgada porque as meninas que estiverem assistindo vão pensar: *Ela é como eu.*”

Mack abriu um sorriso carinhoso e, no instante seguinte, uma pessoa da produção puxou Bea pelo braço e a conduziu pela porta da frente, pelos degraus largos de pedra e então até as salas de estar de milhões de americanos.

POSTAGENS NO TWITTER DE @REALI-TEA

@Reali-Tea Certo shipadoras e bebericadoras, está na hora da estreia da nova temporada do *É Pra Casar!* Vamos ver se uma mulher de peso consegue encontrar o amor na TV. Prontas?!

@Reali-Tea ... mas primeiro, um milhão de patrocinadores. A Bea usa batom Lucky Lippies no dia a dia? QUE COINCIDÊNCIA, eles também são anunciantes da ABS!

@Reali-Tea Ok, ok, ok, Bea está fazendo sua entrevista ao vivo com Johnny, está animada pra conhecer seus pretendentes, O DE SEMPRE. CADÊ ELES, ALIÁS?

@Reali-Tea Ah, que legal. Hora dos comerciais. Oi de novo, Lucky Lippies!

@Reali-Tea E LÁ VAMOS NÓS, o primeiro cara está prestes a entrar! Bea parece nervosa, mas talvez um

pouco animadinha também. Pra cima deles, mulher. A gente tá torcendo por você.

@Reali-Tea Ai não. Ai não. Ai não.

@Reali-Tea Não sei se tenho estômago pra ver isso.

Bastaram uns poucos segundos para Bea se acostumar com as luzes. Em certo sentido, até que elas eram úteis; ela não conseguia ver a plateia nem a equipe, apenas o que estava acontecendo no palco a alguns passos de distância. Em seus primeiros minutos diante das câmeras, sua visão ficou restrita ao rosto maltratado mas ainda atraente de Johnny Ducey, que parecia ainda mais estranho e indistinto por uma combinação de botox e anfetaminas que ainda não deviam ter surtido efeito, transformando-o em uma espécie de réplica de cera do astro de cinema que um dia havia sido.

Johnny fez todas as perguntas banais para as quais Lauren a havia feito ensaiar, e Bea deu todas as respostas prontas que tinha decorado, arrancando risos, demonstrações de empatia e aplausos da plateia no estúdio, conforme o esperado. Quando chegou o momento do primeiro intervalo comercial, Bea estava bem mais calma. Não era como um primeiro encontro na TV, em que a opinião dos homens do outro lado da mesa tinha alguma importância; era apenas a abertura de uma narrativa programada do início ao fim. Era somente o prólogo para os encontros românticos, as declarações de

amor e, por fim, a promessa de um noivado digno de capa de revista. Lauren tinha um plano, e a única função de Bea era segui-lo.

Quando o intervalo comercial terminou, Bea se posicionou em sua marca no centro do palco. Atrás da mansão, o sol se punha sobre o oceano Pacífico, e o set inteiro era iluminado por uma luz rosada, acentuada pelas luzes das lâmpadas artificiais.

Bea sorriu placidamente quando seu primeiro pretendente se aproximou.

Ele estava mergulhado nas sombras, mas, quando surgiu sob as luzes, Bea reparou nos ombros largos, na cintura estreita, nos músculos aparecendo sob o tecido do terno italiano feito sob medida, nos cabelos loiros e grossos, nos olhos castanhos e calorosos. Ele a encarava com desdém — ou talvez, o que era ainda pior, com nojo.

“Oi”, ele falou, inseguro, sem deixar de ser educado, mas claramente perplexo. “Você é... a Bea?”

“Sim, oi, eu sou a Bea.” Ela se esforçou para manter a compostura, apesar de sentir seu coração disparado. “Como você se chama?”

“Brian”, ele respondeu. “Então é com você que vão ser os encontros? Desculpa, mas eu estou meio surpreso.”

Você não é o único, amigão, Bea pensou — aquele cara não era nem um pouco diferente do padrão habitual do programa. Ela se esforçou para abrir um sorriso largo.

“Sim, sou eu! Acho que você precisa ir pra lá agora, e nós conversamos mais tarde, certo?”

Bea apontou o queixo para as plataformas onde os caras ficariam para esperar que os demais fossem apresentados. Brian se afastou, parecendo desnortado, e Bea se sentia da mesma forma. Aquilo seria só para atizar a audiência, jogar um deus grego daqueles no palco para que depois Bea conhecesse os homens de tipo físico mais diversificado que pudessem ter algum interesse nela? Só podia ser isso. Claro que era. Bea ajeitou os ombros e se preparou mentalmente para conhecer o pretendente seguinte, alguém que ela poderia fingir ser o príncipe encantado. Sim, para isso ela estava pronta.

Então o segundo pretendente apareceu.

Era um homem latino de físico imponente, com braços fortes e lábios carnudos, uma espécie de Javier Bardem mais jovem com um sorriso malicioso. Usava calça apertada e camisa social, mas era o chapéu de caubói que realmente definia seu look.

“Boa noite, moça”, ele falou, todo simpático com um sotaque texano carregadíssimo, e Bea se viu cativada de tal forma que por um instante chegou a esquecer que estava horrorizada.

“Oi. Eu sou a Bea.”

“Bea? Eu sou Jaime. É uma baita satisfação conhecer você.” Ele deu um beijo em sua mão. “Será que eu podia encostar em você? Ninguém me explicou as regras.”

“Quem se importa com as regras?”, Bea rebateu, e Jaime caiu na risada — uma risada sincera, que se espalhou também pela plateia.

“A gente se fala daqui a pouco, espero.” Ele apertou sua mão de leve e se afastou. Bea fez questão de olhar para a bunda dele quando se afastou. Uma *baita* bunda, aliás.

Só que... Até ali, tinham sido dois caras que poderiam facilmente ser modelos de um anúncio da Calvin Klein, além de participantes do programa. Antes que Bea pudesse pensar melhor a respeito, porém, um terceiro homem entrou no palco: um negro alto e musculoso, com bigode grosso e um sorriso deslumbrante, a imagem perfeita do Michael B. Jordan. Não. Aquilo não podia estar acontecendo. Aqueles eram os tipos que se via o tempo todo no *É Pra Casar* — com mais diversidade em termos de cor de pele, verdade, mas aqueles homens pareciam mais aptos a ensinar técnicas para levantar pesos do que a lhe fazer companhia.

Bea precisava falar com Lauren, mas, merda, ela estava ao vivo em rede nacional. Seria possível fazer um sinal para alguma pessoa da produção? Chamar a atenção de alguém? Ela se virou para dar uma olhada ao redor, mas, claro, nesse momento exato o terceiro pretendente estendeu os braços para cumprimentar Bea com um abraço, mas acabou batendo com a mão na barriga dela. Bea fechou os olhos e imaginou a cena sendo repetida em câmera lenta no YouTube, e um GIF nada agradável chamando toda a atenção do mundo para sua barriga indo parar na lista de *trending topics* do Twitter.

“Ai, não, desculpa. Eu ia te dar um abraço...”